

Referências

AGASSIZ, Louis & AGASSIZ, Elizabeth. *A journey in Brazil*. New York: Houghton Mifflin Company, 1867.

AGRA, Klondy L. “Uma comunidade amazônica: a re-tradução de uma Cultura”. In: Biblioteca Online das Ciências da Comunicação – BOCC. Lisboa: 2006. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-comunidade-amazonica.pdf> > Acesso em: setembro, 2008.

AGRÓ-FINAZZI, Ettore. “O duplo e a falta: construção do outro e identidade nacional na literatura brasileira”. In *Revista brasileira de literatura comparada*. v.1 Nº1, p.52-61. Rio de Janeiro: Abralic, 03/1991, p.52-61.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. “O Brasil de P K. Page: deslocamentos, olhares e viagens”. In: *Interfaces Brasil/Canada*. Rio Grande: Abecan, UFRG, nº 1, 2001, p.97-117.

_____; GONÇALVES, Glaucia Renate & REIS, Eliana Lourenço de Lima. *The art of Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. “Transcultural fictions and travels in cultural criticism”. In: *Interfaces Brasil/Canada*. Rio Grande: Abecan, UFRG, nº 4, 2004, p.9-27.

ALVARENGA, Tales. “Especial Amazônia: A sinfonia da água”. In *Revista Veja – Acervo digital*. São Paulo: Abril, 24/12/1987, p.42-50. Disponível em: < <http://www.veja.com.br/acervodigital/home.aspx> >. Acesso em: 12 nov. 2008.

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Bishop. São Paulo: Annablume, 1999.

ANDRADE, Mario de. “Veneza em Santarém”, 1927. Imagem. Acervo Mário de Andrade. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) USP, 2008. Disponível em: < http://www.ieb.usp.br/topico.asp?categ=1&subcateg=1&tópico=43&cont_id=24 >. Acesso em: s/d.

_____. “Por esse mundo de águas”, carta a Manuel Bandeira (Jun, 1927). Disponível em: < http://www.unama.br/casaDaMemoria/projeto/lib/pdf/grande_hotel.pdf >. Capturado em: 2008 s/d.

_____. *O turista aprendiz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

_____. Brazil Builds (1943). In: XAVIER, Alberto (org.). *Depoimento de uma geração*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.179.

_____. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Mediafashion; Folha de São Paulo, 2008.

ASHCROFT, Bill et ali. *The Empire Writes Back: theory and practice in post-colonial literatures*. 2ªed. New York: Routledge, Taylor & Francis e-Library, Amazon Kindle, 2006.

ÁVILA, Eliana de Souza. *A Poet(h)ics of intercultural dissonance: dynamics of perception in Elizabeth Bishop's Braz/silian texts*. 2002. 289 f. (Tese) Doutorado – Letras (Inglês e Literatura Correspondente). Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BALDANI, Maria de Lourdes Ortiz. “Literatura e cultura orais: as origens da narrativa”. In: *Anais do IV Congresso internacional da Associação portuguesa de Literatura Comparada*, maio, 2001. Disponível em: < <http://www.eventos.uevora.pt/comparada/VolumeII/LITERATURA%20E%20CULTURA%20ORAIS.pdf> >. Acesso em: s/d, p.2-15.

BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. “A Geração remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Barata”. *Folha do Norte*. Belém, 20 de julho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 33, p. 3.

BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André (Orgs.). *Translation, history & culture*. London: Printer Publishers, 1990.

_____. & André Lefevere. “Introduction: Proust’s grandmother and the Thousand and one nights: the ‘cultural turn’ in Translation Studies.” In: S. Bassnett and A. Lefevere (Orgs.). *Translation, History and Culture*. London/New York: Pinter Publishers, 1990, 1-13.

_____. “The translation turn in cultural studies”. In _____ & Lefevere, André. *Constructing cultures: essays on literary translation*. Clevedon: Multilingual Matters, 1998, p.123-140.

_____. “Culture and Translation”. In: Kuhiwczak, Piotr; Littau, Karin (Ed.). *A companion to translation studies*. Clevedon: Multilingual Maters, 2007, p.13-27.

_____. ; TRIVEDI, Harish . *Post-colonial translation: theory and Practice*. London: Routledge, 1999. Questia. 30 Sept. (2008). Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=102861898>>. Acesso em: 30 out. 2008.

BASTOS, Nilo Chaves de Brito. *SESP/FSESP: 1942 – evolução histórica – 1991*. 2 ed. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 1996.

BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazon*. London: John Murray, 1863.

BELLER, Manfred & LEERSEN, Joep. “Imagology: the cultural construction and literary representation of national characters (a critical survey)”. In: *Studia imagologic*, v.13. Amsterdam-New York: Rodopi, 2007.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 1999.

BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor”: In *Clássicos da Teoria da Tradução*. V.1: Alemão-Português. Werner Heidermann (org). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Tradução de Maria Emilia Pereira Chanet. São Paulo: EDUSC, 2002.

BERNARDI, Francisco. *As bases da literatura rio-grandense*. 3 ed. Porto Alegre: Editora AGE, 1999.

BEZERRA, Elvia. “Ribeiro Couto e o homem cordial”. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 44, p. 126, 2005.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIBLIOTECA NACIONAL. “Confederados”. Imagem. *Acervo iconográfico da estrada de ferro Madeira Mamoré*. Rio de Janeiro: Biblioteca Digital Nacional (BDN), 2008. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=xs&pr=fbn_dig_pr&db=fbn_dig&disp=list&sort=off&ss=new&arg=confederados&argaux=confederados&use=kw_livre&x=29&y=8>. Acesso: s/d

BISHOP, Elizabeth. “Canção para um cantor negro” [sic]. Tradução: Joaquim Francisco Coelho. In: _____. “Panorama de uma nova poesia americana”. In: *A Província do Pará*. Belém, 1º de outubro de 1959, suplemento Letras & Artes, p.02.

_____. Correspondência Lota Soares, [Manaus, 21 e 22/01/1960a], Vassar College Special Collections. In: FERREIRA, Armando Olivetti. *Pontos Cordiais - as cartas brasileiras de Elizabeth Bishop*. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie – Letras, 01/06/2003, p.144-156.

_____. Correspondência Lota Soares, [Belém, 28/ 02/ 1960b], Vassar College Special Collections In: FERREIRA, Armando Olivetti. *Pontos Cordiais - as cartas brasileiras de Elizabeth Bishop*. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie – Letras, 01/06/2003, p.156-162.

_____. “A trip on the Amazon: on the Lauro Sodré”, [1960c]. Tradução: Armando Olivetti Ferreira. (inédito). Vassar College Special Collections. In: FERREIRA, Armando Olivetti. *Recortes na paisagem: uma leitura de Brazil e outros textos de Elizabeth Bishop*. Tese (Doutorado Teoria Literária e Literatura Comparada) – USP, 2008, p. 383-398.

_____. *Brazil*. New York: Time Life, 1962.

_____. & Brasil, Emanuel. An anthology of twentieth-century Brazilian poetry. Tradução e Edição. New England: Wesleyan University Press, 1972.

_____. Elizabeth Bishop with Susan Howe & Charles Ruas. Pacifica/WBAI (NY) Radio, April 19, 1977. mp3

_____. 'The Art of Poetry N° 27' (entrevista). In: SPIRES, Elizabeth. *The Paris Review*, June 28, 1978/ Summer 1981, N° 80. Disponível em: <http://www.theparisreview.org/interviews/3229/the-art-of-poetry-no-27-elizabeth-bishop>. Capturado em: janeiro, 2009.

_____. *The complete poems, 1927-1979*. Robert Giroux (Org.). New York: Farrar, Straus and Giroux, 1983.

_____. *The collected prose*. Robert Giroux (Org.). New York: Farrar, Straus and Giroux, 1984.

_____. *Poemas*: Elizabeth Bishop. Tradução de Horácio Costa. São Paulo: Schwartz, 1990.

_____. *One art*: letters. Robert Giroux (Org.). New York: Farrar, Straus and Giroux, 1994.

_____. *Uma arte*: as cartas de Elizabeth Bishop. Tradução de Paulo H. Britto. S. Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Esforços do afeto e outras histórias*. Tradução de Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Elizabeth Bishop*: poemas do Brasil. Tradução e organização de Paulo H. Britto. S. Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **O iceberg imaginário e outros poemas**. Seleção, tradução e estudo crítico de Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. "A new capital, Aldous Huxley, and some indians". Introdução de Barbara Page. In: *The Yale review*, vol. 94, n° 3, p. 76 - 114, online: 4 Jul 2006. Disponível em: <http://www3.interscience.wiley.com/journal/118581128/abstract?>

CRE TRY=1&SRETRY=0>. Acesso em: maio, 2008.

_____. *Edgar Allan Poe & the juke-box*: uncollected poems, drafts, and fragments. Alice Quinn (Org.). New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007.

_____. *Poems, prose and letters*. Robert Giroux and Lloyd Schwartz (Orgs.). New York: The Library of America, 2008.

BITARÃES NETTO, Adriano. *Antropofagia oswaldiana*: um receituário estético e científico. São Paulo: Annablume, 2004.

BOPP, Raul. *Cobra Norato*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

_____. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *O ser e o tempo da poesia*. 6ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. Situação de Macunaíma. In: *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Duas Cidades, 2003, p. 186-207.

BRAGA, João Ximenes. “A arte de transformar amigos em inimigos”. *O Globo*, Rio de Janeiro, segundo caderno, p. 4, 9 de abril, 2000.

BRASIL, Altino Berthier. *Amazônia legendária*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1999.

BRITTO, Paulo Henriques. “Bishop no Brasil”. In: BISHOP, Elizabeth. *Elizabeth Bishop: poemas do Brasil*. Tradução e organização de Paulo H. Britto. S. Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.09-54.

_____. Paulo Henriques. “Tradução e criação”. In: *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. IV, UFSC, 1999, p. 239-262.

_____. ”Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia”. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo. *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: FAPERJ; Caetés:UERJ, 2002a.

_____. “Functionality of form in Elizabeth Bishop’s poetry: implications for translation”. In: ALMEIDA, Sandra Regina G. et al. (Orgs.). *The art of Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: UFMG, 2002b.

_____. “Elizabeth Bishop como mediadora cultural” In: ROCHA, Valdei Lopes (Org.). *Nenhum Brasil existe*: pequena enciclopédia. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p.143-152.

BROMWICH, David. “Morality and invention in a single thought”. In: *The New York Times* – Books section, February/27/1983. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1983/02/27/books/morality-and-invention-in-a-single-hought.html>> Acesso em: março, 2008.

BRUNEL, P. et all . *Que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, 1995.

BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia*: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de geografia e da mídia impressa. 2002. 197 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BURKE, Peter; Po-chia Hsia, R. (orgs). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução Roger Maioli dos Santos - São Paulo: Editora UNESp, 2009.

BURT, Stephen. "Portability; or, the traveling uses of a poetic idea". In: *Modern Philology*, Vol. 100, No. 1 (Aug., 2002), p. 24-49. The University of Chicago Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/121558>>. Acesso em: 25/08/2008.

BUZELIN, Hélène. "Translation studies, ethnography and the production of knowledge". In: ST-PIERRE, Paul; KAR, Prafulla C. *In translation: reflections, refractions, transformations*. Philadelphia: Université de Montréal; John Benjamins, 2007, p.40-56.

CALIL, Carlos Augusto. "Tradutores de Brasil" In: SCHWARTZ, Jorge (org.) *Da Antropofagia a Brasília: Brasil 1920-1950*. Edição revista e ampliada. São Paulo: FAAP – Fundação Armando Alvares Penteado e Cosac & Naify, 2002, p. 325-349.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. Tradução Adail Ubirajara Sobral. 10 ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem e outras metas*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CANTON, Katia. *Os contos de fadas e a arte*. São Paulo: Prumo, 2009.

CARNEIRO, Jeso. "Olhar do editor". In: *Blog do Jeso*. Disponível em: <<http://www.jesocarneiro.com.br/>>. Acesso em: março, 2010.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. "De traduções, tradutores e processos de recepção literária" In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Abralic, Nº 5, p.86-92, 2000.

CARVALHO, Carolina Alfaro de. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.scribatraducoes.com.br/CarolinaAlfaroCarvalho_TraducaoParaLegendas_Dissertacao_protected.pdf>. Acesso em: 15 set. 2008.

CASCUDO, L. C. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. Paulo: Global, 2006.

_____. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2005.

CASTRO, Ferreira de. *A selva*. 29ª Ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1977.

CASTRO-KLAREN, Sarah (Ed.). *A companion to Latin American literature and culture*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

CHANEY, David. *The Cultural Turn: scene-setting essays in contemporary cultural history*. London, New York: Routledge; Taylor & Francis e-library, 2003.

CHESTERMAN, Andrew. "Questions in the sociology of translation". In: DUARTE, João Ferreira et al. (Ed.). *Translation studies at the interface of disciplines*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins Publishing, 2006, p.09-27.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores. Números*. Tradução Vera da Costa e Silva ... [et al.], 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

CLARK, Kenneth. *Landscape into art*. London: John Murray, 1952.

CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the twentieth century*. Harvard: University Press, 1997.

COELHO, Geraldo Mártires. *O brilho da supernova: a morte bela de Carlos Gomes*. Rio de Janeiro: Agir – UFPa, 1995.

COELHO, Inocêncio Machado. *O feitiço na literatura, na arte, na vida*. Belém: Paka-Tatu, 2008.

COELHO, Joaquim Francisco Mártires & BASSALO, Célia Coelho. "Mário de Andrade no Pará: os sucessos e documentos da viagem e algumas considerações sobre o modernismo". In: *Minas Gerais Suplemento Literário*. 04 de maio de 1974, p.03-05.

COELHO, Joaquim Francisco Mártires. "Panorama de uma nova poesia americana". In: *A Província do Pará*. Belém, 16 de agosto de 1959 a 1º de outubro de 1959, Suplemento Letras & Artes, p.01-02.

COELHO, Marinilce Oliveira. *Grupo dos Novos: memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA/UNAMAZ, 2005.

CORREIA, Mariza & MELLO, Januária (orgs.). *Querida Heloisa / Dear Heloisa: cartas de campo para Heloisa Alberto Torres*. Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU. Série Pesquisa. Campinas, Unicamp, 2008

CRONIN, Michael. *Across the Lines: Travel, Language, Translation*. Cork: Cork University Press, 2000.

_____. "The Empire talks back: Orality, Heteronomy and the Cultural Turn in Interpreting Studies." In *The Interpreting Studies Reader*, F. Pochhacker and M. Shlesinger (eds.). London/New York: Routledge, 2002.

_____. *Translation and identity*. London; New York: Routledge, 2006.

CUNHA, Euclides. *Um paraíso perdido*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2000.

DA MATTA, Roberto. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Antropologia da saudade. São Paulo: Rocco, 1993.

DEL PRIORE, Mary & GOMES, Flávio Santos. *Os senhores dos rios*. São Paulo: Elsevier/Campus, 2004.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO Século XXI; versão eletrônica, 5.11. São Paulo: Positivo, 2004.

D'HULST, Lieven. "Comparative Literature versus Translation Studies: close encounters of the third kind?" In: *European Review*, Vol. 15, No. 1, 95–104. United Kingdom: Academia Europaea, 2007. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract;jsessionid=0FF66799B1522B46F7064836B6177FD1.tomcat1?fromPage=online&aid=643548>>. Acesso em: s/d

_____. "Cultural translation: a problematic concept?" In: Pym, Anthony et al (ed.). *Beyond descriptive translation studies: investigations in homage to Gideon Toury*. Amsterdam: Benjamins Translation Library, 2008, p.221-232.

DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. 3ª Ed. Belém: Cejup, 1990.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. "Tradução Cultural na Antropologia dos anos 1930-1950: as expedições de Claude Lévi-Strauss e de Charles Wagley à Amazônia". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 1, p. 31-49, jan.-abr. 2008.

DUARTE, João Ferreira et al (Ed.). *Translation studies at the interface of disciplines*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins Publishing, 2006.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução de Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de René Eve Rivié. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004. 128 p.

EDWARDS, William. *A voyage up the river Amazon including a residence at Para*. London: John Murray, 1847.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Tradução de José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992a.

_____. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

EULÁLIO, Alexandre; CENDRARS, Blaise; CALIL, Carlos Augusto. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars: ensaio, cronologia, filme, depoimentos, antologia, desenhos, conferências, correspondência, traduções*. 2 ed. São Paulo: EdUSP, 2001.

EVEN-ZOHAR, Itamar. "Polysystem theory". Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/ps-revised.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2008. (originalmente publicado em *Poetics today* 11:1, 1990), 2005.

_____. "The position of translated literature in the literary polysystem". Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>.

Acesso em: 15 set. 2008. (originalmente publicado em *Poetics Today* 11:1, 1990), 1990.

FARES, Josebel Akel (org). *Diversidade cultural: temas e enfoques*. Belém: Unama, 2006.

FAULHABER, Priscila. “O etnógrafo e seus “outros”: informantes ou detentores de conhecimento especializado?” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 36, julho-dezembro de 2005, p. 111-129.

_____. “Programa de Curso: A Tradução Cultural em Antropologia”. Museu Goeldi/ MAST, Belém, Pará. Disponível em: < http://www.museu-goeldi.br/etnografiatraducao/PDFs/curso_traducultural_uff.pdf>. Acesso em: Junho, 2008.

FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. *Dicionário de imagens e símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos*. Londrina: Eduep, 2008.

FERREIRA, Armando Olivetti. *Pontos cordiais – as cartas brasileiras de Elizabeth Bishop*. 2003. 250f. Dissertação (Programa de Mestrado em Letras). São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2003.

_____. *Recortes na paisagem: uma leitura de Brazil e outros textos de Elizabeth Bishop*. 2008. 2v. 436f. Tese (Doutorado Teoria Literária e Literatura Comparada) – USP, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia 1870-1950*. Belém, Edufpa, 2008.

FIGUEIREDO, Regina Érica Domingos de. *Cuidando da saúde do vizinho: as atividades de antropólogos norte-americanos no Brasil*. 2003. 142f. Dissertação (Departamento de Antropologia) – Unicamp, 2003.

FOUNTAIN, Gary & BRAZEAU, Peter. *An oral biography*. Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 1994. Questia. 30 Sept. 2008. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=99309452>>. Acesso em: 20 out. 2008.

FORTUNY, Kim. *Elizabeth Bishop: the art of travel*. Colorado: University Colorado Press, 2003.

FRENCH, Aroid. “Manaus”. *Imagens 1960*. In: Aroid’s gallery. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/selago/>>. Acesso em: s/d.

FRAXE, Terezinha. *Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas*. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. *Cultura cabloca-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Annablume, 2004.

FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora*. Campinas: Pontes, 2000.

GARCIA, Othon Moacir. *Cobra norato: o poema e o mito*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 2003.

GENTZLER, Edwin. "Translation, Postcolonial Studies, and the Americas". Disponível em: <<http://www.brunel.ac.uk/4042/entertext2.2/gentzler.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2008.

_____. "The 'Science' of Translation". In: *Contemporary translation theories*. London: Routledge, 1993. p. 43-73.

_____. *Teorias contemporâneas da tradução*. São Paulo: Madras, 2009.

GUILHON, Norma Azevedo. *Os confederados na Amazônia*. Belem: Cejup, 1979.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. Manaus: Valer, 2007.

GÓES, Marta. *Um porto para Elizabeth Bishop*. São Paulo: Terceiro Nome, 2001.

GOLDENSOHN, Lorrie. *Elizabeth Bishop: the biography of a poetry*. New York, Columbia University Press, 1992.

GRANATO, Fernando. "Amazônia revisitada". In *Revista Brasileiros*. (2007). Disponível em: <<http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/>>. Acesso em: 05 jun. 2008.

GUNTER, Konrad. *A naturalist in Brazil*. Boston, New York: Houghton Mifflin Co., 1931.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARRISON, Victoria. *Elizabeth Bishop's poetics of intimacy*. New York: Cambridge, 1993.

HARTT, Charles Frederick. Notes on the Lingoa Geral or Modern Tupi of the Amazonas. In: **Transactions of the American Philological Association**, 1872, Vol. 3, pp. 58-76.

_____. *Amazonian tortoise myths*. Rio de Janeiro: William Scully Publisher, 1875.

HATIM, Basil & MOUNDAY, Jeremy. *Translation: an advanced resource book*. New York: Routledge, 2004.

HATOUM, Milton. *Órfãos do eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *A cidade ilhada: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HENNEBERG, Sylvia. Article: Elizabeth Bishop's "Brazil, January 1, 1502" and Max Jacob's "Établissement d'une communauté au Bresil": a study of transformative interpretation and influence. Texas: Texas Studies in Literature and Language, December 22, 2003.

HERMANS, Theo. "Translation Studies and a New Paradigm". In: HERMANS, Theo (Org.). In: *The manipulation of literature: studies in literary translation*. London: Croom Helm, 1985. p. 42-53.

_____. "Translational Norms and Correct Translations". In: K.M. van Leuven-Zwart and T. Naaijken (Orgs.). *Translation studies: the state of the art*. Proceedings of the First James S Holmes Symposium on Translation Studies. Amsterdam/Atlanta, GA: Rodopi, 1991, p.155-169.

_____. "Toury's empiricism version one: review of Gideon Toury's in search of a theory of translation". In: *The Translator*. vol. 1, n. 2, p.215-223, 1995.

HERNDON, William Lewis & GIBBON, Lardner. *Exploration of the valley of the Amazon*, USA: Robert Armstrong, Public Printer, 1854.

HOLANDA, S. B. de. "O homem cordial". In: *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 139-151.

HUDSON, W. H. *Green mansions: a romance of the tropical forest*. New York: Randon House, [1916] 1944.

HUI, Wang. "Postcolonial approaches". In: SALDANHA, Paula. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Second Edition. London: Routledge – Kindle edition, 2009, Kindle loc. 7.444.

IANNI, Octavio. *Imperialismo e cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

_____. *Enigmas da modernidade – mundo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 2.0. São Paulo: Objetiva. [2001]. 1 CD-ROM.

JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de século: cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de imagens dos municípios brasileiros. Disponível em: < <http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: s/d.

JACOB, Max. "Établissement d'une communauté au Bresil". In: *The Penguin book of French poetry: 1820-1950: with prose translations*. Tradução William Rees. London: Penguin Classics, 1992, p.528-530.

JAKOBSON, Roman & BOGATYREV, Petr. "Folklore as a special form of creation". Tradução de John M. O'Hara. In: _____ *Folklore Forum*. Folklore and Ethnomusicology Publications.v13. p. 1-21. Indiana: Indiana University Repository, 1980. Disponível em: < <https://scholarworks.iu.edu/dspace/handle/2022/1711?show=full>>. Acesso em: 19/02/2009.

JAMES, William. *The letters of William James*. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1920.

JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade: a morte do poeta*. São Paulo: Record, 2005.

KALSTONE, David. *Becoming a poet: Elizabeth Bishop with Marianne Moore and Robert Lowell*. Nova York, Farrar Straus Giroux, 1989.

KAPLAN, Caren. *Questions of Travel: Postmodern Discourses of Displacement*. Durham, NC: Duke University Press, 1996.

KENNEDY, Randy. "It's only natural, this thing for books". In: Art & Design, The New York Times. September 18, 2009. Disponível em:< <http://www.nytimes.com/2009/09/20/arts/design/20kenn.html?r=2&pagewanted=2>>. Acesso em: 18/10/2009.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução: Maria Carlota Gomes. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

KRYSINSKI, Wladimir. *Dialéticas da transgressão: o novo e o moderno na literatura do século XX*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LAGES, Susana Kampff. "A tarefa do tradutor: ensaio de leitura". In *Walter Benjamin. Tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. "On describing translations". In: HERMANS, Theo (Org.). *The manipulation of literature: studies in literary translation*. London: Croom Helm, 1985, p.149-163.

_____. *Functional approaches to culture and translation: selected papers by José Lambert*. Delabastita, Dirk et ali (Ed.). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins Publishing, 2006.

LECHTE, John. *Cinqüenta pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1994.

LEECH, Geoffrey N. *A Linguistic guide to english poetry*. 15. ed. London: Longman, 1991.

LEFEVERE, André. "Translations and other ways in which one literature refracts another". In: *Symposium*, vol. 38, n. 2, p. 142, 1984.

_____ & BASSNETT, Susan (Orgs.). "Introduction: Where are we in Translation Studies?" In: *Constructing cultures: essays in literary translation*. Clevedon/Philadelphia: Multilingual Matters, 1998. p. 1-11.

_____. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LEVIE, Sophie. "Transfer and integration: foreign literatures in national contexts". In: *Huygens Instituut*, The Hague, n. 30, p.1, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Antropologia estrutural*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. *O pensamento selvagem*. 8ª Ed. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus Editora, 2008.

Life Magazine. "Brazil". Life-Google photo archive. Disponível em: < [http://images.google.com / hosted/life](http://images.google.com/hosted/life) >. Acesso em: s/d.

LIMA, Deborah de Magalhães. "A construção histórica do termo caboclo sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico". In: *Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999*.

LISPECTOR, Clarice. "A menor mulher do mundo". In: *Melhores contos da America Latina*. Flavio M. da Costa (org). São Paulo: Ediouro, 2008, p.412-425.

LOMBARDI, Marilyn May. *The Body and the Song: Elizabeth Bishop's Poetics*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1995.

_____. "The closet of breath: Elizabeth Bishop, her body and her art". *Twentieth Century Literature*, Vol. 38, No. 2 (Summer, 1992), pp. 152-175. Hofstra University Stable. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/441616> > Acesso em: 25/08/2008.

LOPEZ, Telê Ancona. "Notícias de Mário de Andrade". In: *Fotobiografias*. Rio de Janeiro: Edições Alumbamento / Livroarte Editora, 2000.

_____. "O Turista Aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem". *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.13. n.2. p. 135-164. jul.- dez. 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Obras reunidas: teatro e ensaios*. São Paulo: Escrituras, 2001.

_____. *A arte como encantaria da linguagem*. São Paulo: Escrituras, 2008.

LOWELL, Robert & BISHOP, Elizabeth. *Words in the air: the complete correspondence between Elizabeth Bishop and Robert Lowell*. Edited by Thomas Travisano and Saskia Hamilton. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 2008.

MACHADO, A. M. & PAGEAUX, D-H. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. “Mary Louise Pratt: *Os Olhos do Império*. Relatos de viagem e transculturação”. (Resenha) In: *Revista brasileira de história*. Vol.20 n.39: São Paulo, 2000, p.281-289.

MARQUES, Nara. *Blaise cendrars: uma sugestão do estrangeiro*. *Anuário de Literatura*, São Paulo, n.3, p. 127-142, 1995.

MARTINS, Maria Lucia Milleo. *Brazil in the poetry of Elizabeth Bishop: a dazzling dialectic*. 1992. 92 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado) - UFSC, Florianópolis, 1992.

MARTINS, Marcia A.P. *A instrumentalidade do modelo descritivo para a análise de traduções: o caso dos Hamlets brasileiros*. 1999. 318 f. Tese. (Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. “Descriptive Translation Studies: uma revisão crítica”. In: *Gragoatá*, São Paulo, n. 13, p. 33-52, 2003.

MAUÉS, Raimundo Herald. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.

McCABE, Susan. *Elizabeth Bishop: her poetics of loss*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 1994.

McQUILLIAN, Martin. *Routledge Critical Thinkers: Paul de Man*. London: Rutledge, Taylor and Francis, 2001.

MEDEIROS, Maria Lucia. “O lugar da errância”. TUPIASSÚ, Amarílis (Org). In: *Escritas literárias e outras estéticas*. Belém: Unama, 2008, p. 25-31.

MEIRELES FILHO, João. *Grandes expedições da Amazônia brasileira 1500-1930*. São Paulo: Metalivros, 2009.

MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia cultural: iniciação, teorias e temas*. Petropolis: Vozes, 2007.

MELLO, Thiago. *Amazonas: no coração encantado da floresta*. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MILLIER, Brett. *Elizabeth Bishop: life and the memory of it*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1993.

MINDLIN, Betty. *Diários da floresta*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

MONTAIGNE, Michel de. *Dos canibais*. Trad. Luiz Antonio Alves Eva. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009.

MONTEIRO, Benedito. *A terceira margem*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

MONTEIRO, George (Org.). *Conversations with Elizabeth Bishop*. Jackson: University of Press of Mississippi, 1996.

MÓR, Walkyria Monte. “Eu e o outro: imagens refletidas. Um estudo sobre identidade e alteridade na percepção das culturas”. In: *Interfaces Brasil/Canada*. Rio Grande: Abecan, UFRG, nº 8, 2008, p.161-180.

MORA, José. Dicionário de Filosofia. Tomo III. São Paulo: Loyola, 2001.

MUNDAY, Jeremy. *Introducing translation studies*. New York: Routledge, 2001.

_____ & HATIM, Basil. *Translation: an advanced resource book*. 2nd ed. New York: Routledge, 2004.

MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix. 1975.

MULLIGAN, Maureen. “Collusion or authenticity: problems in translated dialogues in modern women’s travel writing” In: GAMBIER, Yves et alli (Ed.). *Doubts and directions in Translation Studies: selected contributions from the EST Congress, Lisbon 2004*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins Publishing, 2007, p.324-333.

MUSSA, Alberto. *Meu destino é ser onça*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

NENEVÉ, Miguel. “Translating back P.K. Page’s work: some comments on the translation of ‘Brazilian Journal’ into Portuguese”. In: *Interfaces Brasil/Canada*. Rio Grande: Abecan, UFRG, nº 3, 2003, p.159-169.

NITRINI, Sandra. “Viagens reais, viagens literárias”. (Escritores brasileiros na França). *Literatura e Sociedade* (USP), São Paulo, v. 3, p. 51-61, 1998.

NIRANJANA, Tejaswini. *Sitting translation: history, poststructuralism and the colonial context*. Berkeley: University of California Press, 1992.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Inventário e patrimônio cultural no Brasil. *História*, Franca, v. 26, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010-0742007000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 Aug. 2008.

NUNES, Benedito. (org.). *O amigo Chico, fazedor de poetas*. Belém: Secult, 2001

OLIVEIRA, Alessandra Ramos de. “Equivalência: sinônimo de divergência”. In: *Cadernos de Tradução XXI*, Santa Catarina, UFSC, 2007. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos19/alessandra_oliveira.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2008, p.97-114.

OLIVEIRA, Alfredo. *Ruy Guilherme Paranatinga Barata*. 2. ed. Belém: Cejup, 1990.

OLIVEIRA, Carmen L. *Flores raras e banalíssimas: a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, José Coutinho de. *Imaginário Amazônico*. Belém: Paka-Tatu, 2008.

ONFRAY, Michel, 1959 Teoria da viagem: poética da geografia. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

PAGE, Barbara. "The Rising Figure of the Poet: Elizabeth Bishop in Letters and Biography" (resenha). *Contemporary Literature*, Vol. 37, No. 1. Wisconsin : University of Wisconsin Press, (Spring, 1996), p.119-131.

PERALTA, Patrícia. "O percurso do olhar do viajante Marcel Gautherot". In: ZOLADZ, Rosza W. vel (org.). *Imaginário e zonas periféricas: algumas proposições da sociologia da arte*. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2005, p.179-187.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. "Desconstruindo os estudos culturais" (2005). Disponível em: <<http://www.eventos.uevora.pt/comparada/VolumeI/DESCONSTRUINDO%20OS%20ESTUDOS%20CULTURAIS.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

PICKARD, Zachariah, *Elizabeth Bishop's poetics of description*. Québec: McGill-Queen's University Press, 2009.

PIZARRO, Ana Pizarro. "Poéticas de la diversidad". In: JOBIM, José Luis (Org.). *Lugares dos discursos literários e culturais: o local, o regional, o nacional, o internacional, o planetário*. Associação Brasileira de Literatura Comparada. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal Fluminense, 2006, p.151-168.

_____. "Imaginario y discurso: la Amazonia". In: *Revista de crítica literária latinoamericana*. Año XXXI, nº 61. Lima-Hanover, 1er. Semestre de 2005, p. 59-74.

POLEZZI, Loredana. "Mobility". In: SALDANHA, Paula. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Second Edition. London: Routledge – Kindle edition, 2009.

PONTES JR, Geraldo Ramos; BATALHA, Maria Cristina. "A tradução como prática da alteridade". In: *Cadernos de Tradução XIII*, Santa Catarina, UFSC, 2004. Disponível em: <<http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos13/batalha.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2008, p.27-43.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.

PORRO, Antonio. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: EBooksbrasil, 2006.

PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: travel writing and transculturation*. New York: Routledge, 1992.

_____. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

PRESSLER, Gunter Karl. “Romantismo na Amazônia?” In: Grupo de trabalho em história da literatura. FALE – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul – PUCrs. Disponível em < <http://www.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura/gt/pressler.pdf> > Acesso em: 03/07/2008.

PROSSER, Jay. *Light in the dark room: photography and loss*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2005

PRZYBYCIEN, Regina. *Feijão preto e diamantes: o Brasil na obra de Elizabeth Bishop*. 1993. 150 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado) - UFMG, Belo Horizonte, 1993.

_____. “Elizabeth Bishop in Brazil: traveler, ethnographer and castaway”. In: ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; GONÇALVES, Glaucia Renate; REIS, Eliana Lourenço de Lima. *The art of Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

PYM, Anthony. *Exploring Translation Theories*. New York: Routledge, Taylor & Francis e-Library, Amazon Kindle, 2010.

RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

_____. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RICCI, Magda. “Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840”. In: *Tempo*, Niterói, v. 11, n. 22, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28/05/2009.

ROCHA, Valdei Lopes de (Org.). *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

RODRIGUES, Carmen Izabel. “Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença”. In: *Novos Cadernos NAEA*, v. 9, n. 1, p. 119-130. Belém: Ufpa, jun. 2006.

RODRIGUEZ, Alfredo Maceira. “Universalismo e relativismo lingüístico”. *Revista de Filologia*. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(11\)27-37.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(11)27-37.html)>. Acesso em: 09 mai. 2007.

ROQUE, Carlos. *Antologia da cultura amazônica*. Vol. VI – Antropologia & Folclore. Belém: Edições **Culturais** (AMADA), 1971.

ROSA, Guimarães. “A terceira margem”. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ROSA, Francisco Tadeu Ribas Ramos. *A aliança e a diferença: leitura do itinerário intelectual de Charles Wagley*. Dissertação (Departamento de Antropologia Social) 461f. Campinas, Unicamp, 1993.

ROUSSEAU, A. M.; PICHOIS, C. L.; BRUNEL, Pierre. *Que é literatura comparada*. Tradução de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RUBEL, Paula; ROSMAN, Abraham. "Introduction". In: _____. (Ed.) *Translating cultures: perspectives on translation and anthropology*. Oxford: Berg/Oxford International Publishers, 2003, p.01-21.

SÁ, Lucia. *Rain forest literatures: Amazonian texts and Latin American culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

SALDANHA, Paula. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies, Second Edition*. London: Routledge – Kindle, 2009.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará sob o regime da escravidão*. Belém: Instituto de Artes do Pará, Programa Raízes, 1988.

SAMUEL, Rogel. *Novo manual de teoria literária*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SARNEY, José; COSTA, Pedro. *Amapá: a terra onde o Brasil começa*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHAWARTZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHAWARTZ, Lloyd. "Elizabeth Bishop and Brazil". *The New Yorker*, Nova York, p. 85-89, 1991.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. "Sobre os diferentes Métodos de Tradução". In *Clássicos da Teoria da Tradução*. Volume1: Alemão-Português. Werner Heidermann (org). Florianópolis: Universidade Federal de SantaCatarina, 2001.

SCHULTE, Rainer. "Manifesto for Translation Studies". The University of Texas - School of Arts & Humanities. Disponível em: <http://translation.utdallas.edu/translationstudies/manifesto.htm>. Acesso em Set. 2009.

SECO, Ana Paula. "Livros de viagem ou literatura de viagens". In: *Glossário da história da educação no Brasil* – verbete. Campinas: Unicamp. Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_livros_de_viagens_ou_literatura_de_viagem.htm > Acesso em: janeiro de 2008.

SILVA, Orlando Sampaio. *Eduardo Galvão: índios e caboclos*. São Paulo: Annablume, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos*

culturais. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Shirley. “A Amazônia de Euclides da Cunha: paraíso versus inferno”. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. *Anais...* Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel30/SirleiSilveira.pdf>>. Acesso em: 09 mai. 2007.

SIMÕES, Socorro. “Narrativas da Amazonia paraense”. In: *Revista do Gelne*, ano 4, n.2, p.32. Fortaleza: UFCeará, 2001. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_32.pdf> Acesso em Outubro, 2008.

SLATER, Candace. *Entangled edens: visions of the Amazon*. Berkeley: University of California Press, 2002.

SMITH, Robert. *Brazil, the Amazons and the coast*. New York: Charles Scribner's Sons, 1879.

SNELL-HORNBY, Mary. *The turns of Translation Studies : New paradigms or shifting viewpoints?* Amsterdam/Philadelphia: Benjamins Publishing Company, 2006.

SOUZA, Adalberto de Oliveira; MACHADO, Leda Maria Vieira. *Cendrars tradutor do Brasil: um estudo da tradução francesa de A Selva, de Ferreira de Castro*. São Paulo: Annablume, 1995.

SOUZA, Márcio. “A literatura na Amazônia: as letras na pátria dos mitos”. Disponível em: <http://www.marciosouza.com.br/interna.php?nomeArquivo=coluna_literatura>. Acesso em: 02 ago. 2008.

_____. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

SUÁREZ-ARAÚZ, Nicomedes. “Introduction: toward a Pan-Amazonian literary vision”. In: _____. (Org) *Literary Amazonia: modern writing by Amazonian authors*. Gainesville: University Press of Florida, 2007. Disponível em: <<http://www.upf.com/mkt/samples/Suarez-Arauz2.pdf>>. Acesso em: 8/06/2008.

SPIVAK, Gayatri. *The Post-Colonial Critic: interviews, strategies, dialogs*. London: Routledge, 1990

STADEN, Hans. *Hans Staden: duas viagens ao Brasil*. Tradução Guiomar de Carvalho Franco. São Paulo: Edusp, 1974.

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: EditoraUFPR, 2005. p. 533.

SPRUCE, Richard, *Notes of a botanist on the Amazon & Andes: being records of travel on the Amazon and its tributaries, the Trombetas, Rio Negro, Uaupés, Casiquiari, Pacimoni, Huallaga, and Pastasa; as also to the cataracts of the Orinoco, along the eastern side of the Andes of Peru and Ecuador, and the shores of the Pacific, during the years 1849-1864*. London: Macmillan & Co, 1908.

SUSSEKIND, Flora. "A geléia & o engenho: em torno de uma carta-poema de Elizabeth Bishop a Manuel Bandeira". In: *Papeis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 331-365.

TOMÁS, Lia. *Ouvir o logos: música e filosofia*. São Paulo: Unesp, 2002.

THE NEW YORKER. Nova York: *The New Yorker*, 1950-2006. Edição eletrônica. Mensal.

TÓBÍN, Colm. "Friends for faraway places – South America". In: *The Guardian.co.uk*. Saturday, 14 June 2008. Disponível em: < <http://browse.guardian.co.uk/search?search=Friends+for+faraway+places+&site=search-radio=guardian> > Acesso em: 28/03/ 2010.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1983.

TODOROV, Tzvetan. "A viagem e seu relato". In *Revista de Letras da UNESP*, São Paulo, v. 39, n. 01, p. 13-24, 1999.

_____. *A conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOMLINSON, H M. *The sea and the jungle*. London: Duckworth, 1912.

TOURY, Gideon. "A Rationale for Descriptive Translation Studies". In Theo Hermans (Ed), *The Manipulation of Literature Studies in Literary Translation*. New York: St Martin's Press, 1985.

_____. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. "The nature and role of norms in translation studies". In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The translation studies reader*. New York: Routledge, 2000.

KNUP, Herbert et all. LAII Brazil Slide Series: collection Belém-Manaus [1201]. New Mexico: Latin American and Iberian Institute, University of New Mexico. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1928/7786> >. Acesso em: s/d

VALERO-GARCÉS, Carmen. "Modes of Translating Culture: Ethnography and Translation" *Meta: Translators' Journal*, vol. 40, n° 4, 1995, p. 556-563.

VERNE, Júlio. *A jangada*. São Paulo: Planeta, 2003.

VERMEER, Hans. "Is translation a linguistic or a cultural process?" In *Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, Vol. 0, No 28, 1992, p.37-49.

_____. "Cultural translation: a problematic concept?" In: Pym, Anthony et all (ed.). *Beyond descriptive translation studies: investigations in homage to Gideon Toury*. Amsterdam: Benjamins Translation Library, 2008.

VIEIRA, Else R. P. “A interação do texto traduzido com o sistema receptor: a teoria dos poli-sistemas”. In: VIEIRA, Else R. P. (Org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, 1996.

VIEIRA, Monica Paciello. “A provocação sensorial na arquitetura de Sergio Bernardes”. In: Revista Arquitectos, 07 de maio de 2007. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/07.084/248>>. Acesso em: jun, 2008.

VON HAGEN, Victor Wolfgang. *The green world of the naturalists: a treasury of five centuries of natural history in South America*. London: Eyre & Spottiswoode, 1948.

WAGLEY, Charles. *Amazon Town: a study of man in the tropics*. New York: Macmillan, 1953.

_____. *Uma comunidade amazônica*. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

WALLACE, Alfred Russel. *A narrative of travels on the Amazon and rio Negro Whith an account of the native tribes, and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley*. New York: Ward, Lock and co, 1889.

WALTER, Roland. “Fronteiras e espaços fronteiriços interamericanos” In: América terra de utopias. *Anais Intercom* 1º a 2/10/2002 [online] . Salvador: Intercom, 2002. Disponível em: <<http://www.er.uqam.ca/nobel/gricis/actes/utopie/Walter.pdf>>. Acesso em agosto, 2008.

WEISSBORT, Daniel and EYSTEINSSON, Astradur (orgs). *Translation: theory and practice, a historical reader*. New York: Oxford Press, Amazon Kindle, 2006.

WHITTIER, John Greenleaf. “The cry of a lost soul”. [1862] Disponível em: Disponível em: <http://en.wikisource.org/wiki/The_Cry_of_a_Lost_Soul>. Acesso em: janeiro, 2008.

_____. “O grito de uma alma perdida” [1894]. Trad. Pedro de Alcântara (Dom Pedro II). In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1937. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/html/cronica/mac04.htm>>. Acesso em janeiro, 2008.

WIERZBICKA, Anna. *Semantics, culture, and cognition: universal human concepts in culture-specific configurations*. New York: Oxford University Press, 1992.

WILLENS, K. “Wilhelm Von Humboldt”. In: *Electronic encyclopedia of language and linguistics*. 2. ed. Michigan-USA: Elsevier, 2006. CD-ROM.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

XZAOJING, Zhou. *My real hopes and ambitions: Elizabeth Bishop's poetics of dialogism*. A dissertation submitted to the School of Graduate Studies in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy, Department of English Memorial University of Newfoundland, 1995.

ZAYDAN, Asad. *Raízes libanesas no Pará*. Belém: Secretaria Especial de Promoção Social, 2001.

ZOLADZ, Rosza W. vel (org.). *Imaginário e zonas periféricas: algumas proposições da sociologia da arte*. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2005.

Anexo 1

Relação de cartas “amazônicas”

Destinatário	Data	Assunto	Página	Obra
1. Robert Lowell	07/11/1950	América Sul Naturalistas	110/11	WA (2008)
2. Kit and Ilse Barker	13/07/1953	Livros viagens	266/268	AO (1994) UA (1995)
3. Joseph and Summers	09/12/1953	Livros viagens	282/283	OA UA
4. Anny Baumann	09/07/1959	Riverman	372/73 402/03	OA UA
5. Howard Moss	08/09/1959	Riverman	373/75 404/05	OA UA
6. Pearl Kazin	09/09/1959	Riverman	375/76 405/08	OA UA
7. Robert Lowell	15/02/1960	Amazônia	308/11	WA
8. Lota M. Soares	21/02/1960	Manaus	143/49	MI (1993) Frag. AOF (2003)
9. Elizabeth Bishop	24/02/1960	Amazônia Riverman	311/13	WA
10. Lota M. Soares	28/02/1960	Belém	156/59 324/25	MI Frag. AOF EAP (2006) Frag.
11. Lloyd Frankenberg	22/03/1960	Amazônia	380/83 410/11	OA UA
12. Robert Lowell	12/04/1960	Amazônia Riverman	313	WA
13. Robert Lowell	22/04/1960	Amazônia Riverman Manaus	381/85 412/16 830/36 314/19	OA UA PPL (2008) WA
14. Robert Lowell	23/04/1960	Belém J. Francisco	319/20	WA
15. Elizabeth Bishop	28/04/1960	Riverman	320/24	WA
16. Howard Moss	10/05/1960	Amazônia	385/86	OA
17. Robert Lowell	19/05/1960	Riverman J. Francisco	836/40	PPL WA
18. Robert Lowell	01/03/1961	On the Amazon	351/55	WA
19. May Swenson	10/04/1961	Brazil (livro)	713/16	UA
20. Robert Lowell	25/06/1961	Brazil (livro)	711/13	UA
21. Robert Lowell	20/08/1961	Naturalistas	372/374	WA
22. Robert Lowell	14/09/1961	Amazônia D. Pedro II	376/78	WA
23. Robert Lowell	22/01/1962	São Francisco Traduções	384/389	WA
24. Robert Lowell	Março/1962	Traduções Leituras	392/392	WA
25. Elizabeth Bishop	14/03/1962	Traduções Leituras	404/407	WA
26. Robert Lowell	26/04/1962	Belém Traduções	716/20 408/414	OA (extra) WA
27. Robert Lowell	09/05/1962	Belém Tradução	414/415	WA
28. Elizabeth Bishop	15/05/1962	Belém	415/416	WA
29. Elizabeth Bishop	24/12/1962	Belém -Nunes	429/431	WA
30. Anne Stevenson	20/03/1963	On the Amazon	843/46	PPL
31. Robert Lowell	11/12/1964	Amazônia	561/64	WA

32. Robert Lowell	07/01/1965	Amazônia Palafitas	565/566	WA
33. Robert Lowell	02/08/1965	Lévi-Strauss Bahia Salvador	582/586	WA
34. Elizabeth Bishop	28/10/1965	Questions of travel	590/92	WA
35. Marianne Moore	23/06/1966	Amazônia Rio S. Francisco	447/48 490/91	OA UA
36. May Swenson	08/06/1967	Amazônia Rio S. Francisco	463/64 509/10	OA UA
37. Robert Lowell	08/06/1967	Amazônia Rio S. Francisco	622	WA
38. Robert Lowell	06/07/1967	Livro Black beans and diamonds	577/579	WA
39. Robert Lowell	10/07/1967	São Francisco	624/626	WA
40. Ashley Brown	20/05/1970	Cartas da Amazônia	525/527	OA
41. Frani B. Muser	14/04/1971	Amazônia	540/41 605/06	OA UA
42. Robert Lowell	14/10/1971	Amazônia	692/94	WA
43. Frani B. Muser	14/12/1974	Amazônia	590/91 646/48	OA UA
44. Elizabeth Bishop	22/02/1974	Riverman	759/60	WA
45. Jerome Mazzaro	27/04/1978	Santarem (poema)	621 681/82	OA UA
46. Dorothy Bowie	07/05/1979	Amazônia	632/33 690/91	OA UA

- **OA** – BISHOP, Elizabeth. *One art*: Elizabeth Bishop. Robert Giroux (Org.). Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1994. Millier, Brett Candlish. *Elizabeth Bishop: Life and the Memory of It*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- **MI** – MILLIER, Brett Candlish. *Elizabeth Bishop: Life and the Memory of It*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- **UA** – BISHOP, Elizabeth. *Uma arte*: as cartas de Elizabeth Bishop. R. Giroux, C. E. Lins da Silva e J. M. Salles (Orgs.). Trad. Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- **AOF (2003)** – Armando Olivetti Ferreira. *Pontos Cordiais - as cartas brasileiras de Elizabeth Bishop*. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie – Letras. 1v. 250p. 01/06/2003
- **EAP** – BISHOP, Elizabeth. *Edgar Allan Poe & the juke-box*: uncollected poems, drafts, and fragments. Alice Quinn (Org.). Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2006.
- **PPL** – BISHOP, Elizabeth. *Poem, prose and letters*. Nova York: The Library of America, 2008.
- **WA** – LOWELL, Robert. *Words in air*: the complete correspondence between Elizabeth Bishop and Robert Lowell. Thomas Travisano and Saskia Hamilton (Eds.). New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008.

Anexo 2

Quadro de poemas brasileiros

Poema	Iniciado	Publicação New Yorker (outras)	Edição EUA	Edição Brasil
1. Arrival at Santos	1951	21/06/1952	CS (1955)	PB (1999)
2. The shampoo	1952	New Republic, 1955	CS	PB
3. Questions of travel	1952	21/01/1956	QT (1965)	PB
4. Squatter's children	1955	23/03/1956	QT	PB
5. Manuelzinho	1955	26/05/1956	QT	PB
6. Brazil, January 1, 1502	1956	02/01/1960	QT	PB
7. Electrical storm	1955	02/04/1960	QT	
8. A trip to the mines Brazil (frg)	1956	VH – 1992		
9. The armadillo	Jun 1956	22/06/1957	QT	PB
10. The riverman	1959	02/04/1960	QT	PB
11. Song for the rainy season	1954	08/10/1960	QT	PB
12. The buglar of Babylon	1963	21/11/1964	QT	PB
13. Under the window: Ouro Preto	1965	24/12/1966	CP (1969)	PB
14. Going to the bakery	1960	23/03/1968	CP (1969)	PB
15. House Guest	1956	10/08/1968	CP (1969)	
16. Rainy season – sub-tropics	1960/1		CP (1969)	ICB (2001)
17. Twelfth morning	1964		G III (1976)	
18. 12 o'clock news	1972	24/03/1973	G III	ICB
19. One art	1975	26/04/1976	G III	PB
20. Crusoe in England	1965	06/11/1971	G III	PB
21. Santarem	1960	20/02/1978	CP (1983)	PB
22. Pink dog	1963	26/02/1979	CP (1983)	PB
23. Foreign domestic	1958/57	19/08/1996	EAP (2006)	
24. Young man in the park	1951		EAP	
25. Suicide of a moderate dictator	1954	TT Georgia Review, 1992	EAP	
26. To Manuel Bandeira, with a present	1955	FS Papeis Colados, 1993.	EAP	
27. St. John's Day	1956/55	LG – 1992	EAP	
28. The moon burgled the house	1954/55	23/01/2006	EAP	
29. Tropic of Capricorn (frg)	1954/55	VH	EAP	
30. A baby found in the garbage	1962	VH – 1992	EAP	
31. Letter to two friends	1957	BCM – 1993	EAP	
32. New Year's letter as Auden says	1957		EAP	
33. Brazil, 1959	1959	LG – 1992	EAP	
34. On the Amazon	1960	BCM – 1993	EAP	
35. Let Shakespeare and Milton	05/1960	LS 30/09/1991	EAP	
36. All afternoon the freighters – Rio	1962/64		EAP	
37. Mimosas in bloom	1963		EAP	
38. For the window pane	1965	LS 30/09/1991	EAP	
39. Gypsophilia	1961		EAP	
40. Dear my compass	1965	LS 30/09/1991	EAP	
41. Inventory	1967	BCM – 1992	EAP	
42. Rainy day – Rio	1955		EAP	
43. Apartment in Leme	1963	BCM – 1992	EAP	
44. Far far away	1968	BCM	EAP	
45. The pretender	1959		EAP	

Quadro de prosa brasileira

Texto	1ª publicação	2ª publicação	Brasil
Suicide of a moderate dictator (1954)	LG – 1992	EAP (2006)	Ferreira (2008)
Introduction to Helena Morley (1956)	The diary of Helena Morley (1957)	PPL (2008)	EA (1996)
A new capital, Audous Huxley and some indians. (1959)	The Yale Review (Jul 2006)	PPL (2008)	Ferreira (2008)
A trip on the Amazon (1960)			Ferreira (2008)
Brazil (Time-Life)	Brazil (1962)		Ferreira (2008)
A warm and reasonable people (1962)	Brazil (1962)	PPL (2008)	
On the railroad named delight (1965)	NYT (7/03/1965)	PPL (2008)	Ferreira (2008)
A trip to Vigia (1967)	NYer 06/07/1983	C Prose (1984)	EA
A trip to the rio São Francisco (1967)	VH – LG		Ferreira (2008)
Introduction to the burglar of Babylon (1968)	Special Edition 1968	PPL(2008)	
To the botequim & back (1970)		C Prose (1984)	EA
Introduction to the Brazilian anthology (1972)	Brazilian Poetry (1972)	PPL (2008)	

Quadro geral das obras em ordem cronológica

Poema	Iniciado	Publicação New Yorker (outras)	Edição EUA	Edição Brasil
1. Arrival at Santos	1951	21/06/1952	CS (1955)	PB (1999)
2. Young man in the park	1951		EAP	
3. The shampoo	1952		CS	PB
4. Questions of travel	1952	21/01/1956	QT (1965)	PB
5. Song for the rainy season	1954	08/10/1960	QT	PB
6. Suicide of a moderate dictator	1954	TT Georgia Review, 1992	EAP	
7. Suicide of a moderate dictator (prose)	1954	LG – 1992	EAP (2006)	
8. The moon burgled the house	1954/55	23/01/2006	EAP	
9. Tropic of Capricorn (fragm)	1954/55		EAP	
10. Squatter's children	1955	23/03/1956	QT	PB
11. Electrical storm	1955	02/04/1960	QT	
12. Brazil, January 1, 1502	1956	02/01/1960	QT	PB
13. Manuelzinho	1955	26/05/1956	QT	PB
14. To Manuel Bandeira, with a present	1955	FS	EAP	
15. Rainy day - Rio	1955		EAP	
16. St. John's Day	1956/55	LG	EAP	
17. House guest	1956	10/08/1968	CP (1969)	
18. Introduction to Helena Morley (prosa)	1956	The diary of Helena Morley (1957)	PPL (2008)	EA (1996)
19. A trip to the mines Brazil (frg)	1956	VH		
20. The armadillo	Jun 1956	22/06/1957	QT	PB
21. Foreign domestic	1958/57	19/08/1996	EAP (2006)	
22. Letter to two friends	1957	BCM	EAP	

23. New Year's letter as Auden says	1957		EAP	
24. A new capital, Audous Huxley and some indians. (prosa)	1959	The Yale Review (Jul 2006)	PPL (2008)	
25. The riverman	1959	02/04/1960	QT	PB
26. Brazil, 1959	1959	LG	EAP	
27. The pretender	1959		EAP	
28. Santarem	1960	20/02/1978	CP (1983)	PB
29. On the Amazon	1960	BCM	EAP	
30. Going to the bakery	1960	23/03/1968	CP (1969)	PB
31. Let Shakespeare and Milton	Mai 1960	LS 30/09/1991	EAP	
32. Rainy season – sub-tropics	1960/1		CP (1969)	ICB (2001)
33. Gypsophilia	1961		EAP	
34. A baby found in the garbage	1962	VH	EAP	
Brazil (Time-Life)	1962	Brazil (1962)		
35. A warm and reasonable people (prosa)	1962	Brazil (1962)	PPL (2008)	
36. All afternoon the freighters – Rio	1962/64		EAP	
37. Twelfth morning	1964		G III	
38. The buglar of Babylon	1963	21/11/1964	QT	PB
39. Pink dog	1963	26/02/1979	CP (1983)	PB
40. Mimosas in bloom	1963		EAP	
41. Apartment in Leme	1963	BCM	EAP	
42. On the railroad named delight (prosa)	1965	NYT (7/03/1965)	PPL (2008)	
43. Under the window: Ouro Preto	1965	24/12/1966	CP (1969)	PB
44. For the window pane	1965	LS 30/09/1991	EAP	
45. Crusoe in England	1965	06/11/1971	G III	PB
46. Dear my compass	1965	LS 30/09/1991	EAP	
47. A trip to Vigia (prosa)	1967	NYer 06/07/1983	C Prose (1984)	EA
48. A trip to the rio São Francisco (frg – prosa)	1967	VH		
49. Inventory	1967	BCM	EAP	
50. Introduction to the burglar of Babylon (prosa)	1968	Special Edition, 1968	PPL(2008)	
51. Far far away	1968		EAP	
52. To the botequim & back (prosa)	1970		C Prose (1984)	EA
53. 12 o'clock news	1972	24/03/1973	G III (1976)	ICB
54. Introduction to the brazilian anthology (prosa)	1972	Brazilian Poetry (1972)	PPL(2008)	
55. One art	1975	26/04/1976	G III	PB

- **CS** – BISHOP, Elizabeth. *Poems: North & South – A Cold Spring*. Boston: Houghton Mifflin, 1955.
- **QT** – _____. *Questions of Travel*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1965.
- **CP** – _____. *The Complete Poems*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1969.
- **GIII** – _____. *Geography III*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1976.

- **CP** – _____. *The Complete Poems, 1927-1979*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1983.
- **C Prose** – _____. *The Collected Prose*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1984.
- **OA** – BISHOP, Elizabeth. *One art: letters*. Robert Giroux (Org.). Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1994.
- **UA** – _____. *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*. Robert Giroux (Org.), Trad. Paulo H. Britto. S. Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- **EA** – _____. *Esforços do afeto e outras histórias*. Trad. de Paulo H. Britto. S. Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- **PB** – _____. *Elizabeth Bishop: poemas do Brasil*. Trad. & Org. de Paulo H. Britto. S. Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- **II** – _____. **O iceberg imaginário e outros poemas**. Seleção, tradução e estudo crítico de Paulo H. Britto. S. Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- **EAP** – _____. *Edgar Allan Poe & the juke-box: uncollected poems, drafts, and fragments*. Alice Quinn (Org.). Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2006.
- **PPL** – _____. *Prose and Letters*. Nova York: The Library of America, 2008.
- **BC** – COSTELLO, Bonnie. *Elizabeth Bishop: Questions of Mastery*. Cambridge: Harvard UP, 1991.
- **AOF (2003)** – FERREIRA, Armando Olivetti. *Pontos Cordiais - as cartas brasileiras de Elizabeth Bishop*. Dissertação de Mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie – Letras. 1v. 250p. 01/06/2003
- **AOF (2008)** _____. *Recortes na paisagem: uma leitura de Brazil e outros textos de Elizabeth Bishop*. 2008. 2v 436f. Tese (Doutorado Teoria Literária e Literatura Comparada) – USP, 2008.
- **LG** – GOLDENSSOHN, Lorrie. *Elizabeth Bishop: The Biography of a Poetry*. New York: Columbia UP, 1992.
- **VH** – HARRISON, Victoria. *Elizabeth Bishop's Poetics of Intimacy*. New York: Cambridge UP, 1992.

- **DK** – KASTONE, David. *Becoming a Poet: Elizabeth Bishop with Marianne Moore and Robert Lowell*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1989.
- **MML** – LOMBARDI, Marilyn May. *The Body and the Song: Elizabeth Bishop's Poetics*. Carbondale: Southern Illinois UP, 1995.
- **RL** – LOWELL, Robert & BISHOP, Elizabeth. *Words in air: the complete correspondence between Elizabeth Bishop and Robert Lowell*. Ed. by Thomas Travisano and Saskia Hamilton. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008.
- **BCM** – MILLIER, Brett C. *Elizabeth Bishop: Life and the Memory of It*. Berkeley: U of California P, 1993.
- **LS** – SCHWARTZ, Lloyd. "Annals of Poetry: Elizabeth Bishop and Brazil," *New Yorker* (30 September 1991): 85-97.
- **FS** – SUSSEKIND, Flora . "A Geleia e o Engenho: em torno de uma carta-poema de Elizabeth Bishop a Manuel Bandeira." *Papeis Colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- **TT** – TRAVISANO, Thomas. "With an Eye of Flemish Accuracy: An Afterward". *Georgia Review* (Winter 1992): 612-616.

Anexo 3

Timeline: quadro geral em ordem cronológica

Poema	Iniciado em	Local	Publicado em	Timeline
1. Arrival at Santos	1951	Santos	1952	- Novembro: chega ao Brasil (Santos)
2. Young man in the park	1951	Santos	EAP	
3. The shampoo	1952	Petrópolis	1955	- Nova York - Ouro Preto (1953)
4. Questions of travel	1952	Petrópolis	1956	
5. Song for the rainy season	1954	Petrópolis	1960	- Agosto: morte de Getúlio Vargas - National Institute of Arts and Letters - Inicia a tradução de <i>Minha vida de menina</i> , de Helena Morley
6. Suicide of a moderate dictator	1954	Rio	EAP	
7. Suicide of a moderate dictator (prosa)	1954	Rio	EAP	
8. The moon burgled the house	1954/55	Petrópolis	2006	- Julho 55: <i>North and South/ A cold spring</i> - Dezembro 55/Janeiro 56: tradução de <i>Modern Brazilian Architecture</i> com Henrique Mindlin
9. Tropic of Capricorn (fragmento)	1954/55	Petrópolis	VH	
10. Squatter's children	1955	Petrópolis	1956	
11. Electrical storm	1955	Petrópolis	1960	
12. Brazil, January 1, 1502	1956	Rio	1960	
13. Manuelzinho	1955	Petrópolis	1956	
14. To Manuel Bandeira, with a present	1955	Petrópolis	1993	
15. Rainy day – Rio	1955	Rio	EAP	
16. St. John's Day	1956/55	Petrópolis	EAP	- Março 56: Partisan Review Fellowship - Maio 56: Pulitzer Prize <i>North & South-A Cold Spring</i> - Posse de J.Kubitschek - Viagem a Diamantina
17. House guest	1956	Petrópolis	1968	
18. Introduction to Helena Morley (prosa)	1956	Diamantina	1957	
19. A trip to the mines Brazil (frg)	1956	Diamantina	VH	
20. The armadillo	Jun 1956	Petrópolis	1957	- - Dezembro 57: publicação do <i>Diário de Helena Morley</i>
21. Foreign domestic	1958/57	Petrópolis	1996	
22. Letter to two friends	1957	Petrópolis	EAP	
23. New Year's letter as Auden says	1957	Petrópolis	EAP	
24. A new capital, Audous Huxley and some Indians. (prosa)	1958	Brasília/Xingú	2006	Brasília e Mato Grosso/Xingú (1958)
25. The riverman	1959	Petrópolis	1960	
26. Brazil, 1959	1959	Rio	EAP	
27. The pretender	1959	Petrópolis	EAP	
28. Santarem	1960	Amazônia	1978	- Carlos Lacerda é empossado primeiro governador do Estado da Guanabara - Fevereiro: viagem ao Amazonas e Pará - Inauguração de Brasília - Maio: Ouro Preto (pousada Chico Rei)
29. On the Amazon	1960	Amazônia	EAP	
30. Going to the bakery	1960	Rio	1968	
31. Let Shakespeare and Milton	Mai 1960	Ouro Preto	1991	
32. Rainy season – sub-tropics	1960/1	Petrópolis	CP 1969	- Janeiro 61: Lota é nomeada supervisora das obras do Aterro do Flamengo - Assina contrato com a Time-Life
33. Gypsophilia	1961	Petrópolis	EAP	
34. A baby found in the garbage	1962	Rio	EAP	- Lacerda é acusado por seus adversários de “Governador Mata-Mendigos”. - Publicação de <i>Brazil</i> - Junho 62: Lowell visita o Brasil
35. A warm and reasonable people (prosa)	1962	Rio	1962	
36. All afternoon the freighters – Rio	1962	Rio	EAP	
37. The buglar of Babylon	1963	Rio	1964	- Envolvimento de Lota com questões políticas do Gov. Lacerda
38. Pink dog	1963	Rio	1979	
39. Mimosas in bloom	1963	Petrópolis	EAP	
40. Apartment in Leme	1963	Rio	EAP	

41. Twelfth morning	1964	Cabo Frio	G III	- Golpe militar - Verão em Cabo Frio - Maio: Viagem à Itália com Lota - Junho: Londres - Anne Stevenson escreve o primeiro livro sobre Bishop - Ashley Brown entrevista Bishop no Rio - Dra. Baumann visita Bishop no Rio
42. On the railroad named delight (prosa)	1965	Rio	1965	- Novembro: publicação de <i>Questions of travel</i> - Parque do Flamengo informalmente inaugurado em 12/10, Dia da Criança, com uma grande festa popular idealizada por Lota - Compra casa em Ouro Preto (casa Mariana) - Mark Strand no Rio - Fim do Gov. Lacerda - 1966: Viagem a Inglaterra e Holanda com Lota - 1966: Lota internada
43. For the window pane	1965	Ouro Preto	1966	
44. Under the window: Ouro Preto	1965	Ouro Preto	1991	
45. Crusoe in England	1965	EUA	1971	
46. Dear my compass	1965	Ouro Preto	1991	
47. A trip to Vigia (prosa)	1967	Amazônia	1983	- Doença de Lota se agrava - Maio: Viaja de vapor pelo rio São Francisco - Bishop em Nova York - 25/09: morte de Lota em Nova York
48. A trip to the rio São Francisco (fragmento – prosa)	1967	Bahia	VH	
49. Inventory	1967	Petrópolis	EAP	
50. Introduction to the burglar of Babylon (prosa)	1968	EUA	1968	- Edição infanto-juvenil para <i>The burglar of Babylon</i> - Dez. 67- mai. 69: mora em S. Francisco com uma nova companheira - Abril 69: publicação de <i>The complete poems</i>
51. Far far away	1968	EUA	EAP	
52. To the botequim & back (prosa)	1970	Ouro Preto	C PROSE	- Maio 69/70: mora em Ouro Preto com a nova companheira - Março 70: National Book Award <i>The complete poems</i> - James Merrill em OP - Suicídio de Flávio Macedo, sobrinho de Lota e protegido de Bishop - Setembro: professora em Havard
				1971 - Abril: Ordem do Rio Branco - Nova companheira: Alice Methfessel - Jul/ago: viagem com Methfessel para Machu Picchu, Galápagos e OP.
53. 12 o'clock news	1972	Petrópolis	1973	- Abril: Publicação de <i>Anthology of twentieth-century Brazilian poetry</i> (com Emanuel Brasil) - Morre Marianne Moore
54. Introduction to <i>Anthology of twentieth-century Brazilian poetry</i> (prosa)	1972	EUA	1972	

55. One art	1975	EUA	1976	- Agosto 74: nova residência em Lewis Wharf, Boston - Fev. 76: Books Abroad/ Neustadt International Prize for Literature e National Book Critics Circle Award - Dezembro 76: Publicação de <i>Geography III</i> - Jul 77: aposenta-se Harvard - 1977: Morre Robert Lowell - 06/10/1979: Morre Elizabeth Bishop
-------------	------	-----	------	---

Anexo 4

Elizabeth Bishop: pequena bibliografia.

1. Obras de Elizabeth Bishop publicadas nos Estados Unidos

- *North and South*. Boston: Houghton Mifflin, 1946. *Poems: North & South – A Cold Spring*. Boston: Houghton Mifflin, 1955.
- *Brazil*. With the editors of *Life*. NY: Time Incorporated, 1962. In the *Life* World Library Series.
- *Questions of Travel*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1965.
- *The Ballad of the Burglar of Babylon*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1968.
- *The Complete Poems*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1969.
- *Poem*. NY: The Phoenix Book Shop, 1973.
- *Geography III*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1976.
- *Poems*. NY: Speculum Musicae, 1976. Six poems set to music by Elliot Carter.
- *The Complete Poems, 1927-1979*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1983.
- *The Collected Prose*. NY: Farrar, Straus, and Giroux, 1984.
- *Elizabeth Bishop: One Art*. Letters selected and edited by Robert Giroux. New York: Farrar, Straus, and Giroux, 1994.
- *Conversations with Elizabeth Bishop*. Literary Conversations Series. George Monteiro, ed. Jackson: University of Mississippi Press, 1996. Collects all known interviews with Bishop, including translations from Brazilian sources.
- *Exchanging Hats: Paintings*. William Benton, ed. (With an Introduction.) New York: Farrar, Straus and Giroux, 1996.
- *Edgar Allan Poe & the juke-box: uncollected poems, drafts, and fragments*, org. Alice Quinn. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2006.
- *Poem, Prose and Letters*. Nova York: The Library of America, 2008.
- *Words in air: the complete correspondence between Elizabeth Bishop and Robert Lowell*. Ed. by Thomas Travisano and Saskia Hamilton. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008.

2. Obras de Elizabeth Bishop publicadas no Brasil

- *Poemas*: Elizabeth Bishop. Trad. de Horácio Costa. São Paulo: Schwartz, 1990.
- *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*, org. Robert Giroux, Trad. Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- *Esforços do afeto e outras histórias*. Trad. de Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- *Elizabeth Bishop: poemas do Brasil*. Trad. & Org. de Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- **O iceberg imaginário e outros poemas**. Seleção, tradução e estudo crítico de Paulo H. Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

3. Traduções de escritores brasileiros por Elizabeth Bishop

- Alice Brant: *The Diary of Helena Morley*, NY: Farrar, Straus, and Cudahy, 1957.
- Clarice Lispector: "Three Stories" *Kenyon Review* 26 (Summer 1964): 500-511.
- *An Anthology of Twentieth-Century Brazilian Poetry*. Elizabeth Bishop and Emanuel Brasil, eds. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 1972.
 - ✓ Carlos Drummond de Andrade: "Traveling in the family"; "Seven-sided poem"; "Don't kill yourself"; "The table"; "Infancy"; "In the middle of the road"; "Family portrait".
 - ✓ João Cabral de Melo Neto: "The death and life of a severino".
 - ✓ Joaquim Cardoso: "Cemetery of Childhood"; "Elegy for Maria Alves".
 - ✓ Manuel Bandeira: "My last poem"; "Brazilian tragedy"
 - ✓ Vinicius de Moraes: "Sonnet of intimacy"

4. Teses e Dissertações brasileiras

- ÁVILA, Eliana de Souza. *A Poet(h)ics of intercultural dissonance: dynamics of perception in Elizabeth Bishop's Braz/silian texts*. 2002. 289 f. (Tese) Doutorado – Letras (Inglês e Literatura Correspondente) – UFSC, 2002.

- BATISTA, Eduardo Luís Araújo de Oliveira. *Questões de viagem, questões de tradução: mediação cultural na obra de Elizabeth Bishop*. 2003. 205f. Dissertação (Estudos Literários) – UFMG, 2003.
- FERREIRA, Armando Olivetti. *Pontos cordiais – as cartas brasileiras de Elizabeth Bishop*. 2003. 250f. Dissertação (Programa de Mestrado em Letras). São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2003.
- _____. *Recortes na paisagem: uma leitura de Brazil e outros textos de Elizabeth Bishop*. 2008. 2v 436f. Tese (Doutorado Teoria Literária e Literatura Comparada) – USP, 2008.
- MARTINS, Maria Lucia Milleo. *Brazil in the poetry of Elizabeth Bishop: a dazzling dialectic*. 1992. 92f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado) – UFSC, Florianópolis, 1992.
- MATTE, Neusa da Silva. *Elizabeth Bishop's Brazil – intertext between identity and difference*. 1991. 342f. Dissertação (Mestrado Letras) – UFRS, 1991.
- _____. *One Art, múltiplas formas: tradução como mediação entre poesia e pintura em Elizabeth Bishop*. 2006. 414f. Tese (Doutorado Letras) – UFRS, 2006.
- NOGUEIRA, Maria das Graças de Castro. *A tradução dos textos de Drummond por Elizabeth Bishop*. 2005. 81f. Dissertação. (Mestrado Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, MG, 2005.
- NOGUEIRA, Nadia Cristina. *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*. 2005. Tese (Doutorado em História) – UNICAMP, 2005.
- PRZYBYCIEN, Regina. *Feijão preto e diamantes: o Brasil na obra de Elizabeth Bishop*. 1993. 150f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado) – UFMG, Belo Horizonte, 1993.
- QUANDT, Guilherme de Oliveira. *Elizabeth Bishop and 5 Brazilian authors: reflections on the lenses*. 2005. 72f. Dissertação (Letras Inglês e Literatura Correspondente) – UFSC, Florianópolis, 2005.
- DA SILVA, Maria Teresa Machado. *Para inglês ler – O diário de Helena Morley traduzido por Elizabeth Bishop*. 2000. 212f. Tese. (Doutorado Linguística). USP, 2000.

5. Bibliografias

- BARRY, Sandra. *Elizabeth Bishop: An Archival Guide to Her Life in Nova Scotia*. Hantsport, Nova Scotia: Lancelot Press, Limited, 1996.

- BAUGMAN, Ronald, ed. "Contemporary American Poets." *Contemporary Authors Bibliography Series* (1986): 35-69.
- MACMAHON, Candace W. *Elizabeth Bishop: A Bibliography 1927-1979*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1980.
- WYLLIE, Diana E. *Elizabeth Bishop and Howard Nemerov: A Reference Guide*. Boston: Hall, 1983.

6. Biografias

- FUNTAIN, Gary and Peter Brazeau. *Remembering Elizabeth Bishop: An Oral Biography*. Amherst: University Press of Massachusetts, 1994.
- MILLIER, Brett Candlish. *Elizabeth Bishop: Life and the Memory of It*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- OLIVEIRA, Carmen L. *Flores raras e banalíssimas: a historia de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- STEVENSON, Anne. *Elizabeth Bishop*. New York: Twayne, 1966.

7. Livros de crítica literária

- BLOOM, Harold, ed. *Elizabeth Bishop: Modern Critical Views*. New York: Chelsea House Publishers, 1985.
- COLWELL, Anne. *Inscrutable Houses: Metaphors of the Body in the Poems of Elizabeth Bishop*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, July 1997.
- COSTELLO, Bonnie. *Elizabeth Bishop: Questions of Mastery*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- DIEHL, Joanne Feit. *Elizabeth Bishop and Marianne Moore: The Psychodynamics of Creativity*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1993.
- DORESKI, Carole. *Elizabeth Bishop: The Restraints of Language*. New York: Oxford University Press, 1993.
- GOLDENSOHN, Lorrie. *Elizabeth Bishop: The Biography of a Poetry*. New York: Columbia University Press, 1991.
- HARRISON, Victoria. *Elizabeth Bishop's Poetics of Intimacy*. New York: Cambridge University Press, 1993.

- KALSTONE, David. *Five Temperaments: Elizabeth Bishop, Robert Lowell, James Merrill, Adrienne Rich, John Ashbery*. New York: Oxford University Press, 1977.
- _____. *Becoming a Poet: Elizabeth Bishop with Marianne Moore and Robert Lowell*. New York: Farrar, Straus, and Giroux, 1989.
- LOMBARDI, Marilyn May. *The Body and the Song: Elizabeth Bishop's Poetics*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1995.
- _____ ed. *Elizabeth Bishop: The Geography of Gender*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1993.
- MCCABE, Susan. *Elizabeth Bishop: Her Poetics of Loss*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1994.
- MENIDES, Laura Jehn and Angela G. Dorenkamp, eds. *ÒIn Worcester, MassachusettsÓ: Essays On Elizabeth Bishop From The 1997 Elizabeth Bishop Conference At WPI*. New York: Peter Lang, 1999.
- MERRIN, Jeredith. *An Enabling Humility: Marianne Moore, Elizabeth Bishop, and the Uses of Tradition*. New Brunswick: Rutgers Univ. Press, 1990
- PARKER, Robert Dale. *The Unbeliever: The Poetry of Elizabeth Bishop*. Urbana: University of Illinois Press, 1988.
- ROMAN, Camille. *Elizabeth Bishop's World War II-Cold War View*. New York: Palgrave, 2001.
- SCHAWARTZ, Lloyd, and Sybil P. Estess, eds. *Elizabeth Bishop and Her Art*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1983.
- SHIIGLEY, Sally Bishop. *Dazzling Dialectics: Elizabeth Bishop's Resonating Feminine Reality*. New York: Peter Lang, 1997.
- STEVENSON, Anne. *Five Looks at Elizabeth Bishop*. London: Bellew, 1998.
- TRAVISANO, Thomas. *Elizabeth Bishop: Her Artistic Development*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1988.
- ZHOU, Xiaojing. *Elizabeth Bishop: Rebel In Shades and Shadows*. New York: Peter Lang New York, 1999.

8. Capítulos de livros

- BLASSING, Mutlu Konuk. *Politics and Form in Postmodern Poetry: O'Hara, Bishop, Ashbery, and Merrill*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- COOK, Eleanor. *Against Coercion: Games Poets Play*. Stanford: Stanford UP, 1998. ("Schemes Against Coercion: Geoffrey Hill, Elizabeth Bishop, and Others," 25-43; "Fables of War in Elizabeth Bishop," 44-60; "The Poetics of Modern Punning: Wallace Stevens, Elizabeth Bishop, and Others," 172-86; "Ghost Rhymes and How They Work," 223-34)
- DICKIE, Margaret. *Stein, Bishop & Rich: Lyrics of Love, War & Place*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1997.
- DODD, Elizabeth Caroline. *The Veiled Mirror and the Woman Poet: H.D., Louise Bogan, Elizabeth Bishop, and Louise Glück*. Columbia: University of Missouri Press, 1992.
- ERKKILA, Betsy, "Differences That Kill: Elizabeth Bishop and Marianne Moore," *The Wicked Sisters: Women Poets, Literary History and Discord*. New York: Oxford, 1992, pp. 99-151.
- FRANKENBERG, Lloyd. *Pleasure Dome: On Reading Modern Poetry*. New York: Gordian Press, 1968.
- KELLER, Lynn. *Re-Making It New: Contemporary American Poetry and the Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- KELLY, Lionel, Ed. *Poetry and the Sense of Panic: Critical Essays on Elizabeth Bishop and John Ashbery*. Netherlands: Rodopi Amsterdam, 2000.
- LASKIN, David. *A Common Life: Four Generations of American Literary Friendship and Influence*. New York: Simon and Schuster, 1994.
- LURIE, Susan. *Unsettled Subjects: Restoring Feminist Politics to Poststructuralist Critique*. Durham: Duke UP, 1997. ("Caught in a Skein of Voices': Feminism and Colonialism in Elizabeth Bishop," 119-54)
- MCCORKLE, James. *The Still Performance: Writing, Self, and Interconnection in Five Postmodern American Poets*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992.

- MALKOFF, Karl. *Crowell's Handbook of Contemporary American Poetry*. New York: Crowell, 1973.
- MERRIN, Jeredith. *An Enabling Humility: Marianne Moore, Elizabeth Bishop, and the Uses of Tradition*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1990.
- MILLS, Ralph J., Jr. *Contemporary American Poetry*. New York: Random House, 1965.
- MORRIS, Timothy. *Becoming Canonical in American Poetry*. Urbana: University of Illinois Press, 1995.
- ROTELLA, Guy. *Reading and Writing Nature: The Poetry of Robert Frost, Wallace Stevens, Marianne Moore, and Elizabeth Bishop*. Boston: Northeastern University Press, 1991.
- SCHWEIK, Susan. *A Gulf So Deeply Cut: American Women Poets and the Second World War*. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.
- SHETLEY, Vernon. *After the Death of Poetry: Poet and Audience in Contemporary America*. Durham: Duke University Press, 1993.
- STEPANCHEV, Stephen. *American Poetry Since 1945*. New York: Harper and Row, 1965.
- UNTERECKER, John E. *American Writers: A Collection of Literary Biographies*. Supplement I, part I, ed. Leonard Ungar. New York: Charles Scribner's Sons, 1979.

Anexo 5

Fortuna crítica de Elizabeth Bishop na imprensa brasileira¹⁴²

Título	Publicado em:	Data	Autor
Panorama da nova poesia americana, Tradução: “Songs for a colored singer”	<i>A Província do Pará</i>	25.08.1959	Joaquim Francisco Coelho
Tradução: “Hóspede”	<i>Suplemento Literário Minas Gerais</i>	14.08.1971	Emanuel Brasil
<i>An anthology of twentieth-century Brazilian poetry</i>	<i>Suplemento Literário Minas Gerais</i>	07.04.1973	Editores
Aventura no Sul	<i>Veja</i>	14.02.1990	Editoria
Cultura mostra a trajetória de Elizabeth Bishop	<i>Folha de São Paulo</i>	20.03.1990	José Maria Cançado
Cartas comprovam excelência como prosista	<i>Folha de São Paulo</i>	11.06.1994	Carlos Eduardo Lins da Silva
Cartas resgatam exílio brasileiro de Bishop	<i>Folha de São Paulo</i>	11.06.1994	Carlos Eduardo Lins da Silva
Bishop fazia geléia de jabuticaba em 53	<i>Folha de São Paulo</i>	17.06.1994	Nina Horta
Elizabeth Bishop: a poeta vê o Brasil	<i>Folha de São Paulo</i>	24.09.1995	João Almino
A confiante entrega a uma tradição literária	<i>Folha de São Paulo</i>	24.09.1995	Harold Bloom
Há uma mulher invisível no Aterro	<i>Folha de São Paulo</i>	16.09.1995	Antonio Callado
Poeta deu trégua à angústia em Petrópolis	<i>Folha de São Paulo</i>	11.06.1995	Antonio Callado
Mapa de um amor brasileiro	<i>Folha de São Paulo</i>	24.09.1995	Marilene Felinto
Lota ia na contramão da sociedade da época	<i>Folha de São Paulo</i>	24.09.1995	Joyce Pascowitch
Carta publicada no Painel do Leitor	<i>Folha de São Paulo</i>	04.10.1995	Stella Pereira
Antonio Callado fala de beleza e saudade	<i>Folha de São Paulo</i>	21.12.1995	Marcelo Rezende
Prosa completa esclarece vida e obra de Bishop	<i>Folha de São Paulo</i>	05.10.1996	Marilene Felinto
Tradução: “Santarém”	<i>Suplemento Literário Minas Gerais</i>	20.12.1996	Hérica Valladares
Nuvem envolveu Elizabeth Bishop e Lota	<i>Folha de São Paulo</i>	05.02.1996	Fernando Gabeira
Mapa de uma poética	<i>Folha de São Paulo</i>	05.05.1996	Duda Machado
Come, my mulata, vem sim, meu amendoim!	<i>Folha de São Paulo</i>	11.02.1997	Marilene Felinto
Os estratagemas dos ressentidos	<i>Folha de São Paulo</i>	29.11.1998	Harold Bloom

¹⁴² O quadro que apresentamos é resultado da pesquisa feita pela pesquisadora para esta Dissertação. Somente estão elencados os textos comprovadamente obtidos e lidos pela autora. Não representam, portanto, a totalidade da fortuna crítica de Elizabeth Bishop no Brasil, que é imensa. Levando-se em conta somente os periódicos do Sudeste do Brasil, chega-se facilmente a mais de uma centena de textos.

Brasil legal: o século passado na visão de uma adolescente	<i>Veja</i>	06.05.1998	Carlos Graieb
A poeta do desterro	<i>Bravo</i>	06.03.1998	Carmem Oliveira
Coluna Manhattan Connections	<i>O Globo</i>	24/05/1998	Lúcia Guimarães
Diário é a construção de um tempo de felicidade	<i>Folha de São Paulo</i>	09.05.1998	Bernardo Carvalho
"Bishopianos" se reúnem em MG	<i>Folha de São Paulo</i>	19.05.1999	Reportagem Local
Um paraíso ambíguo	<i>O Globo</i>	22/05/1999	Paulo Roberto Pires
Retrato em branco e preto: Poemas do Brasil mostra o lirismo sem concessões de Elizabeth Bishop	<i>Revista Época</i>	24.05.1999	Federico Mengozzi
As aspas da tradução	<i>Folha de São Paulo</i>	27.02.2000	Mauricio Santana Dias
A arte de transformar amigos em inimigos	<i>O Globo</i>	09.04.2000	João Ximenes Braga
Poesia de Elizabeth Bishop ganha tradução à sua altura	<i>Folha de São Paulo</i>	19.05.2001	Nelson Ascher
A dona da casa da samambaia	<i>O Globo</i>	26.05.2001	Marcelo Balbio
Bishop, a boa poeta superestimada no Brasil	<i>O Globo</i>	02.06.2001	Leonardo Fróes
Um arquipélago de imagens perdidas	<i>Jornal do Brasil</i>	09.06.201	Carlito Azevedo
Sob olhar estrangeiro, Bishop define Brasil	<i>Folha de São Paulo</i>	15.06.2001	Sergio Salvia Coelho
Por que alguns odeiam os americanos?	<i>Folha de São Paulo</i>	21.10.2001	Peggy Dulany
Auto-imagem	<i>Jornal da Tarde</i>	20.07.2001	Ricardo Freire
Bishop, a boa poeta superestimada no Brasil	<i>O Globo</i>	09.06.2001	Leonardo Fróes
O Rio de Elizeth Bishop	<i>O Globo</i>	14.08.2001	Roberta Oliveira
A pessoa mais solitária que jamais viveu	<i>Jornal da Tarde</i>	18.08.2001	Álvaro Cardoso Gomes
Lembrando Elizabeth	<i>O Globo</i>	01.09.2001	Affonso Romano de Sant'Anna
O olhar estrangeiro como base para um monólogo	<i>O Estado de São Paulo</i>	26.09.2001	Mariângela Alves de Lima
Expressão popular – Coleção César Ache	<i>Folha de São Paulo</i>	06.08.2001	Rodrigo Moura
O humor aguçado que escondia a depressão	<i>Jornal da Tarde</i>	04.06.2001	André Nigri
Monólogo leva poeta americana ao teatro	<i>Folha de São Paulo</i>	07.06.2001	Marcelo Rubens Paiva
Histórias de gringos, sotaques e poesias	<i>O Estado de São Paulo</i>	06.08.2001	Matthew Shirts
Uma atmosfera vaga e majestosa	<i>Veja</i>	15.08.2001	Roberto Pompeu de Toledo
A natureza de Elizabeth Bishop	<i>O Estado de São Paulo</i>	15.07.2001	Daniel Piza
A nossa bela vista	<i>O Globo</i>	30.03.2002	Zuenir Ventura

A constância das letras norte-americanas	<i>Folha de São Paulo</i>	02.02.2002	Carlos Fuentes
Elizabeth Bishop, cronista do Rio	<i>O Globo</i>	09.10.2004	Carmen L. Oliveira
O Brasil é um horror	<i>Revista Piauí</i>	03.08.2009	Otávio Frias Filho
Foi uma revolução rápida e bonita	<i>Revista Piauí</i>	03.09.2009	Otávio Frias Filho
Biblioteca perde as prateleiras	<i>Folha de São Paulo</i>	05.10.2009	Randy Kennedy

Anexo 6

“The riverman” ¹⁴³	“O ribeirinho”
I got up in the night for the Dolphin spoke to me. He grunted beneath my window, hid by the river mist, but I glimpsed him - a man like myself. I threw off my blanket, sweating; I even tore off my shirt. I got out of my hammock and went through the window naked. My wife slept and snored. Hearing the Dolphin ahead, I went down to the river and the moon was burning bright as the gasoline-lamp mantle with the flame turned up too high, just before it begins to scorch. I went down to the river. I heard the Dolphin sigh as he slid into the water. I stood there listening till he called from far outstream. I waded into the river and suddenly a door in the water opened inward, groaning a little, with water bulging above the lintel. I looked back at my house, white as a piece of washing forgotten on the bank, and I thought once of my wife, but I knew what I was doing. They gave me a shell of cachaça and decorated cigars. The smoke rose like mist through the water; and our breaths didn't make any bubbles. We drank cachaça and smoked the green cheroots. The room filled with gray-green smoke and my head couldn't have been dizzier. Then a tall, beautiful serpent in elegant white satin, with her big eyes green and gold like the lights on the river steamers - yes, Luandinha, none other -	Acordei no meio da noite porque o Boto me chamou. Rosnou à minha janela, oculto na bruma do rio, mas eu o vi - um homem como eu. Me descobri, suando em bicas; tirei até a camisa. Levantei da minha rede, saí nu pela janela. A minha mulher roncava. Seguindo os passos do Boto, fui andando até o rio. A lua brilhava igual a um candeeiro quando a chama está tão alta que começa a chamuscar a camisa. Fui andando até o rio. Ouvi o Boto suspirar na hora que caiu n'água. Fiquei parado, escutando, até ele chamar lá de longe. Fui penetrando no rio e de repente uma porta abriu-se pra dentro, rangendo um pouquinho, com o dintel todo coberto de água. Olhei pra trás. Vi minha casa, branca que nem um lençol esquecido à beira-rio, pensei na minha mulher, mas eu estava decidido. Me deram uma cumbuca de cachaça e um charuto. O fumo subia na água feito névoa, e respirávamos sem formar nenhuma bolha. Tomamos cachaça e fumamos aqueles charutos verdes. A sala se encheu de fumaça esverdeada, e fiquei tonto. Então uma cobra bonita, faceira, de cetim branco, olhões dourados e verdes como os faróis de um gaiola - ela mesma, a Luandinha -

¹⁴³ Bishop, 2001, p. 179-191

entered and greeted me. She complimented me in a language I didn't know; but when she blew cigar smoke into my ears and nostrils I understood, like a dog, although I can't speak it yet. They showed me room after room and took me from here to Belém and back again in a minute. In fact, I'm not sure where I went, but miles, under the river. Three times now I've been there. I don't eat fish any more. There is fine mud on my scalp and I know from smelling my comb that the river smells in my hair. My hands and feet are cold. I look yellow, my wife says, and she brews me stinking teas I throw out, behind her back. Every moonlit night I'm to go back again. I know some things already, but it will take years of study, it is all so difficult. They gave me a mottled rattle and a pale-green coral twig and some special weeds like smoke. (They're under my canoe.) When the moon shines on the river., oh, faster than you can think it we travel upstream and downstream, we journey from here to there, under the floating canoes, right through the wicker traps, when the moon shines on the river and Luandinha gives a party. Three times now I've attended. Her rooms shine like silver with the light from overhead, a steady stream of light like at the cinema. I need a virgin mirror no one's ever looked at, that's never looked back at anyone, to flash up the spirits' eyes and help me recognize them. The storekeeper offered me a box of little mirrors, but each time I picked one up a neighbor looked over my shoulder	entrou e me deu bom-dia. Falou comigo umas coisas nalguma língua estrangeira; mas quando soprou fumaça nos meus ouvidos, na hora entendi, feito um cachorro, mesmo sem saber falar. Me mostraram as salas todas, me levaram até Belém e voltamos num minuto. Nem sei direito aonde fui, mas fui longe, e por den'd'água. Três vezes já estive lá. Eu parei de comer peixe. Tenho lama na cabeça e quando cheiro meu pente sinto os odores do rio. Meus pés e mãos estão frios. Minha mulher me acha amarelo, me dá uns chás fedorentos que eu joga fora escondido. Toda noite de luar eu volto lá outra vez. Tem coisas que já aprendi, mas vou ter que estudar anos, que é tudo muito difícil. Me deram um chocalho mosqueado e um galho de coral verde e umas ervas feito fumo. (Guardo tudo na canoa.) Quando o rio se enluara, ah, nós viajamos depressa, rio acima, rio abaixo, pra tudo quanto é lugar, por debaixo das canoas, atravessando os puçás, quando o rio se enluara e Luandinha dá festa. Três vezes já estive lá. As salas brilham prateadas com uma luz que vem de cima, um rio de luz constante, igualzinho no cinema. Preciso de um espelho virgem um que ninguém nunca olhou, que nunca olhou pra ninguém, pra olhar nos olhos dos espíritos e reconhecer cada um. Na loja me deram uma caixa Cheia de espelhos novos, mas cada um que eu pegava alguém atrás de mim se mirava
--	--

and then that one was spoiled - spoiled, that is, for anything but the girls to look at their mouths in, to examine their teeth and smiles. Why shouldn't I be ambitious? I sincerely desire to be a serious sacaca like Fortunato Pombo, or Lúcio, or even the great Joaquim Sacaca. Look, it stands to reason that everything we need can be obtained from the river. It drains the jungles; it draws from trees and plants and rocks from half around the world, it draws from the very heart of the earth the remedy for each of the diseases - one just has to know how to find it. But everything must be there in that magic mud, beneath the multitudes of fish, deadly or innocent, the giant pirarucús, the turtles and crocodiles, tree trunks and sunk canoes, with the crayfish, with the worms with tiny electric eyes turning on and off and on. The river breathes in salt and breathes it out again, and all is sweetness there in the deep, enchanted silt. When the moon burns white and the river makes that sound like a primus pumped up high - that fast, high whispering like a hundred people at once - I'll be there below, as the turtle rattle hisses and the coral gives the sign, travelling fast as a wish, with my magic cloak of fish swerving as I swerve, following the veins, the river's long, long veins, to find the pure elixirs. Godfathers and cousins, your canoes are over my head; I hear your voices talking. You can peer down and down or dredge the river bottom	e pronto, estragava o espelho, que agora só servia mesmo pra moça ficar se olhando, vendo os dentes e o sorriso. Sou ambicioso, sim, quero mesmo me tornar um sacaca de verdade, como Fortunato Pombo, ou Lúcio, quem sabe até o grande Joaquim Sacaca. Pois veja só: tudo aquilo de que a gente necessita é no rio que a gente pega. O rio rasga a floresta; das plantas e pedras do mundo ele retira os remédios saídos do fundo da terra que curam todos os males, toda doença que existe - é só saber procurar. Mas esses remédios se encontram no meio do lodo mágico, debaixo dos peixes todos, uns mansos, outros mortais, pirarucus gigantescos, tartarugas, jacarés, troncos, canoas perdidas, pitus e surucuranas de olhinhos acende-apaga como lâmpadas elétricas. O rio respira sal, inspira e depois expira, e lá no fundo encantado tudo é macio e doce. Quando a lua brilha branca e o rio faz aquele som de chama de fogão a gás - aquele chiado que lembra cem pessoas cochichando ~ eu hei de estar lá no fundo, o chocalho chocalhando, o coral dando sinal, voando feito o desejo, meu manto de peixe mágico esvoaçando trás de mim, seguindo as veias compridas, as veias compridas do rio, em busca dos elixires. Meus padrinhos, meus primos, ouço vocês conversando dentro das suas canoas . Podem olhar cá pra baixo, podem até dragar o fundo
--	--

but never, never catch me. When the moon shines and the river lies across the earth and sucks it like a child, then I will go to work to get you health and money. The Dolphin singled me out; Luandinha seconded it.	que nunca vão me encontrar. Quando a lua brilha branca e o rio mama nas tetas da terra feito um neném, eu trabalho pra vocês terem saúde e dinheiro. O Boto me escolheu, e Luandinha deu fé
--	--

“Santarem” ¹⁴⁴

Of course I may be remembering it all wrong
after, after - how many years?

That golden evening I really wanted go no farther;
more than anything else I wanted to stay awhile
in that conflux of two great rivers, Tapajós, Amazon,
grandly, silently flowing, flowing east.
Suddenly there'd been houses, people, and lots of mongrel
riverboats skittering back and forth
under a sky of gorgeous, under-lit clouds,
with everything gilded, burnished along one side,
and everything bright, cheerful, casual - or so it looked,
I liked the place; I liked the idea of the place,
Two rivers, hadn't two rivers sprung
from the Garden of Eden? No, that was four
and they'd diverged, Here only two
and coming together. Even if one were tempted
to literary interpretations
such as: life / death, right / wrong, male /female
- such notions would have resolved, dissolved, straight off
in that watery, dazzling dialectic.

In front of the church, the Cathedral, rather,
there was a modest promenade and a belvedere
about to fall into the river,
stubby palms, flamboyants like pans of embers,
buildings one story high, stucco, blue or yellow,
and one house faced with azulejos, buttercup yellow.
The street was deep in dark-gold river sand
damp from the ritual afternoon rain,
and teams of zebras plodded, gentle, proud,
and blue, with down-curved horns and hanging ears,
pulling carts with solid wheels.
The zebra's hooves, the people's feet
waded in golden sand,
dampened by golden sand,
so that almost the only sounds
were creaks and shush, shush, shush.

¹⁴⁴ Bishop, 2001, p. 318-325.

Two rivers full of crazy shipping - people
all apparently changing their minds, embarking,
disembarking, rowing clumsy dories.

(After the Civil War some Southern families
came here; here they could still own slaves.
They left occasional blue eyes, English names,
and oars. No other place, no one
on all the Amazon's four thousand miles
does anything but paddle.)

A dozen or so young nuns, white-habited,
waved gaily from an old stern-wheeler
getting up steam, already hung with hammocks
– off to their mission, days and days away
up God knows what lost tributary.

Side-wheelers, countless wobbling dugouts...

A cow stood up in one, quite calm,
chewing her cud while being ferried,
tipping, wobbling, somewhere, to be married.

A river schooner with raked masts
and violet-colored sails tacked in so close
her bowsprit seemed to touch the church

(Cathedral, rather!). A week or so before
there'd been a thunderstorm and the Cathedral'd
been struck by lightning. One tower had
a widening zigzag crack all the way down.
It was a miracle. The priest's house right next door
had been struck, too, and his brass bed
(the only one in town) galvanized black.
Graças a deus - he'd been in Belém.

In the blue pharmacy the pharmacist
had hung an empty wasps' nest from a shelf:
small, exquisite, clean matte white,
and hard as stucco. I admired it
so much he gave it to me.

Then - my ship's whistle blew. I couldn't stay.
Back on board, a fellow-passenger, Mr. Swan,
Dutch, the retiring head of Philips Electric,
really a very nice old man,
who wanted to see the Amazon before he died,
asked, "What's that ugly thing?"

Santarém (2001)¹⁴⁵

Claro que eu posso estar lembrando tudo errado
depois de - quantos anos mesmo?

Naquela tarde dourada eu não queria seguir viagem;
queria mais que tudo era ficar um tempo
ali na confluência de dois grandes rios, Tapajós, Amazonas,
fluindo, majestosos, silenciosos, para o leste.

De repente haviam surgido casas, pessoas e um monte de
barcos vira-latas zanzando de um lado pro outro
sob um céu de nuvens lindas, iluminadas por baixo,
tudo dourado, brunido em um dos lados,
tudo claro, alegre, descontraído - pelo menos parecia.

O lugar me agradava; agradava-me a idéia do lugar.

Dois rios. No Jardim do Éden

não brotavam dois rios? Não, eram quatro,

e divergiam. Aqui, só dois,

e se juntando. Mesmo perante a tentação

de alguma interpretação literária

do tipo vida/morte, certo/errado, macho/fêmea

_ tais conceitos se teriam resolvido, dissolvido, de imediato
naquela aquática, deslumbrante dialética.

À frente da igreja, aliás catedral, havia

um passeio modesto, e um belveder

quase despencando no rio,

palmeiras cotós, flamboiãs em brasa viva,

prédios de um só andar, rebocados, azuis ou amarelos,

e uma casa com fachada de azulejos, de um amarelo desmaiado.

Uma camada espessa de areia ouro-escuro recobria a rua,

areia ainda úmida da chuva ritual de toda tarde,

e pares de zebus passavam, mansos, orgulhosos

e azuis, chifres virados pra baixo e orelhas pendentes,

puxando carros com rodas de madeira maciça.

Os cascos dos zebus, os pés das pessoas

afundavam na areia dourada,

amortecidos pela areia dourada,

e quase não se ouvia outro som

que não rangidos e xof, xof, xof.

Dois rios cheios de uma miscelânea de barcos - gente

sempre mudando de idéia, embarcando,

desembarcando, em barquinhos de pesca desajeitados.

(Após a Guerra de Secessão, umas famílias sulistas

vieram para cá, onde podiam ainda ter escravos.

Deixaram olhos azuis aqui e ali, nomes ingleses,

e remos de verdade, com toletes. Em todo o resto do Amazonas,

em seis mil quilômetros de rio,

só se usam remos curtos, soltos.)

¹⁴⁵ Bishop, 2001, p. 318-325.

Umas dez freiras, de hábito branco,
 acenavam alegres de um velho gaiola
 ganhando velocidade, já cheio de redes armadas
 - indo para alguma missão, a muitos dias dali,
 só Deus sabe em que afluente perdido.
 Tantas gaiolas, tantas pirogas oscilantes...
 Numa barca balouçante, uma vaca
 ruminava tranqüila enquanto a transportavam
 a algum lugar, para casá-la.
 Uma escuna de mastros inclinados
 e velas violeta guinou tão de repente
 que o gurupés pareceu roçar na igreja

(não, catedral!). Coisa de uma semana antes,
 numa tempestade, a catedral fora atingida
 por um raio. Uma das torres rachou
 em ziguezague de alto a baixo.
 Foi um milagre. A casa do padre, bem ao lado,
 também foi atingida, e a cama de latão
 (a única da cidade) ficou galvanizada, negra.
 Graças a deus - ele estava em Belém.

Na farmácia azul, o farmacêutico havia pendurado
 uma casa de marimbondo vazia numa prateleira:
 pequena, delicada, de um branco fosco e limpo,
 dura como estuque. Tanto admirei-a
 que a ganhei de presente.
 Então – soou o apito do meu barco. Impossível ficar.
 De volta a bordo, um companheiro de viagem, o senhor Swan,
 holandês, ex-diretor da Philips Electric,
 um velhinho até muito simpático,
 decidido a ver o Amazonas antes de morrer,
 me perguntou: "Que coisa feia é essa?".

“On the Amazon”¹⁴⁶

Down the wide river
 comes the soft rain
 dark, dark-silver
 racing forward
 on pink water – down the wide river, comes the soft rain
 a heavy sigh –
 a great soft sigh –

¹⁴⁶ Bishop, 2006, p.125-124.

Gone again, and sudden a great
 everywhere smudges
 of rainbow and shafts
 of soft sun backwards
 rain over there now
 crossing over
 the dark blue line – the opposite bank –
 and the river
 the world, all pink,
 has dissolved at last
 and is going somewhere
 under a rainbow, too –
 the rainbow has taken shape, but the world, all pink, strange to say
 has dissolved at last
 and is going somewhere, at last –
 so that is the color of the world all together –
 Air was never necessary – just water
 And a little sun,
 and a gentle acquiescent world –

The river, we are told, goes faster than the ship
 tilts into [the sea tilting us, spilling us out to sea –]
 (– if we keep our shape that long –)

(oh gentle crocodile
 "embalmed and stuffed with straw"
 with your head cruelly bent down to your breast
 to look like a dragon, I suppose
 no wonder you cry
 tears of yellow varnish, [all] down your belly –)

Now it is clear. The water moves faster	
a thin [glaze] of blue skin blue skin	thin loose blue skin
reflects, reflects – nothing –	
A [sudden] line of birds	
[flung up] like beads –	flings out
[and then]	

A bar on stilts,
 a bird on stilts
 a boy on stilts –
 stem the river with straws or toothpicks
 stick a straw in the water for security
 the neat palm thatch
 the sitting hen on her individual platform –
 the delicate hammocks –

Anexo 07

“A Trip to Vigia”¹⁴⁷

(p.461)

THE shy poet, so soiled, so poor, so polite, insisted on taking us in his own car. A friend would go along as *mechanista*. The car was on its last legs; it had broken down twice just getting us around Belem the day before. But what could we do? I couldn't very well flaunt my dollars in his face and hire a better one.

He arrived at our hotel at nine (he had said eight) with José Augusto, one of his little boys, aged eleven, fair, and also very shy. Ruy, the poet, was dark, quiet, and softly heavy, his waxy face spattered with fine black moles like shot. His other children, four or five of them, were at home with "fever." They were sick all the time we were in Belem. This José Augusto scarcely spoke, but in the course of the long day his expression became by degrees more animated, more childlike. By mid-afternoon he grew restless, even active; he slept all the way back from the expedition in his father's arms.

Ruy was nervous. He kept telling us we probably wouldn't like the famous church at Vigia; it would be too "baroque" for us. Each time he said this, our imaginations added more belfries and a slightly wilder wave of carved stone. M. and I got into the back seat that slanted downwards so that our bottoms felt as if they were gently grazing the road. The *mechanista*, José Augusto, and Ruy were in front. Most of the time they kept their heads bent as if in prayer. Perhaps they were praying to the tired heart of the car to keep on beating just a little longer, until the expedition was safely over.

We had met Ruy just two days before. That morning I asked M. to let me know when the mystic moment arrived and she'd shift gears from addressing him as "Dr. Ruy" to "you." This use of the *você* or second person is always a delicate problem and I wanted to see how M., who has the nicest Brazilian manners, would solve it. Since Ruy was a poet and therefore could be considered sensitive, and since we found him very sympathetic, I felt it would be happening very soon.

Outside Belem we crossed a dead-looking railroad yard with old red freight cars scattered about in it, the end of the line.

(p.462)

We passed under a fretwork arch, decorated with a long and faded banner and with cut bamboos turned sere brown. It had been set up to celebrate the opening of the new highway to Brasilia. Just beyond it, the paved road stopped for good. However, the very thought of this new road to the capital had cheered up all of Belem considerably. Even the resigned Ruy spoke about the future optimistically.

¹⁴⁷ BISHOP, 2008, p.461-468.

Vigia was about a hundred kilometers away. We went off toward it on another narrower road to the left that went up and down, up and down, in low wavy hills, mostly through bushes. Because of the two daily rains (it was the rainy season), there was little dust. Slowly, slowly we rose and fell over the gravel. The silent *mechanista* was like a mother teaching the car to walk. But after a while it stopped.

He got out and lifted the hood. M. talked gaily of this and that. After fifteen minutes or so, the car started again: up a slight grade; down faster; up. The day was getting hot. The car was getting hot. But still it seemed as if we had just left Belem. We passed fields of pepper, big leafy pillars. It is grown on poles, like string beans, and is called Pimenta da Rainha, Queen's Pepper, because it originally belonged to the crown. They say that the whole history of Portugal since the fourteenth century is the history of pepper. It had recently become a big crop in the north. Ruy complained about it, saying it was already overplanted, the way any successful crop always is in Brazil, and the price was dropping. On the left, where an unseen stream ran, were occasional plantations of jute, a bright and tender green.

More pepper. A mud-and-wattle house or two. An oxcart: mild, lovely zebus with high humps and long hanging ears, blue gray, a well-matched team. Skinny horses scrambled off into the bushes, or stood pat while we edged around them. A dismal mud-and-wattle church, half-painted bright blue: IGREJA BATISTA. Then a little bridge with half the planks missing. The *mechanista* got out and squatted to study it from the far side, before taking us over.

Fine and blue, the morning rain arrived. The gravel darkened and spurted away slowly on either side. We plowed dreamily along. Ruy was talking about T. S. Eliot. He read English, some, but spoke not a word. I tried a story about Ezra Pound.

(p. 463)

It was very well received but, I felt, not understood; I undertook some more literary anecdotes. Smiling politely, Ruy waited for every joke until the faithful M. had helped me put them into Portuguese. Often they proved to be untranslatable. The car stopped.

This time the *mechanista* took much longer. M. talked ever more gaily. Suddenly the rain came down hard, great white lashings. The bushes crouched and the gravel danced. M. nudged me, whispered "Now," and in her next sentence to Ruy used a noticeable *você*; the mystic moment was past. The *mechanista* got back in, his clothes several shades darker with wet, and said we would stop at the next village for repairs.

The rains stopped and the sun carne out. Certain varieties of glazed tropical leaves reflected the light like nickel, or white enamel, but as the car passed they returned to their actual gray-green. It was confusing, and trying to the eyes. Palm trees, more pepper and jute, more bushes. Here and there a great jungle tree had been left standing, and black specks were busy high around the tops; each tree held a

whole community of birds. At least two hundred feet high, a Brazil nut tree blossomed; one could tell only by a smell like that of a thousand lilacs.

Three teams of zebus, loaded with jute. A small shower, like an afterthought right through the sunshine. We were driving north-northeast, skirting the great bay of Marajó, but we might as well have been in the middle of Africa or the Yucatan. (It looked a bit like the Yucatan.) More wretched little houses, with pigs, and naked children shining from the rain. The "village" was a crossroads, with a combined drink-shop and grocery store, a *botequim*, beside a spreading flamboyant tree. It took a moment to realize the car had really stopped; we stopped talking, and got out.

The store had been raided, sacked. Oh, that was its normal state. It was quite large, no color inside or cloud-color perhaps, with holes in the floor, holes in the walls, holes in the roof. A barrel of kerosene stood in a dark stain. There were a coil of blue cotton rope, a few mattock heads, and a bundle of yellow-white handles, fresh cut from hard *ipé* wood. Lined up (on the shelves were many, many bottles of *cachaça*, all alike:

(p. 464)

Esperança, Hope, Hope, Hope. There was a counter where you could drink, if you wanted. A bunch of red-striped lamp wicks hung beside a bunch of rusty frying pans. A glass case offered brown toffees leaking through their papers, and old, old, old sweet buns. Some very large ants were making hay there while the sun shone. Our eyes negotiated the advertisements for Orange Crush and *Guaraná* on the cloud-colored walls, and we had seen everything. That was all.

The shopkeeper had gone off with our *mechanista*, so Ruy helped us to warm Orange Crush and over our protests put the money for it on the counter. "No cheese?" he inquired, poking about in back, as if he were in the habit of eating quantities of cheese with an Orange Crush every morning. He asked if we'd like a toffee, and urged us to take another *crooshy*. Then he said, "Let's go see the manioc factory."

This was right behind the *botequim*. It was an open-air affair of three thatched roofs on posts, one a round toadstool. A dozen women and girls sat on the ground, ripping the black skins off the long roots with knives. We were the funniest things they had seen in years. They tried not to laugh in our faces, but we "slayed" them. M. talked to them, but this did not increase their self-control. Zebus stood looking on, chewing their cud. A motor, with belts slanting up under the thatch, chugged away, grinding up the raw manioc. The place smelled of *zebu*, gasoline, and people. Everyone talked, but it was murky and peaceful.

The greatest attraction was the revolving metal flour, a big disk, for drying out the flour. It was heated underneath by a charcoal fire and the area was partly railed off, like a small rink, so one could lean over and watch. The coarse white flour went slowly round and round, pushed back and forth in drifts by two men with long wooden hoes. The flour got whiter and whiter, but they were careful not to

let it brown. In the north, people usually eat it white; in the south, they prefer it roasted to a pale tan.

We almost forgot we were on our way to Vigia. Then the *mechanista* collected us; in we got, out again, in again, and finally off. The motor now sounded languid and half sick but uncomplaining, like the poet himself.

(p.465)

Another ten kilometers. and we carne to a small house on the left, set among fruit and banana trees growing directly from the bare, swept earth. A wash was strung on the barbed-wire fence. Several skinny dogs appeared and a very fat young woman carne out, carrying a baby, with two little boys tagging along behind. We all shook hands, even the baby boys. Her husband, a friend of Ruy's, was away but she invited us inn "for lunch," said the poor woman. We quickly explained we had brought our lunch with us. Ruy did the honors. "Ah! the water here is a *delicia*, isn't it, Dona Sebastiana? It's the best water, the only water, from here to Vigia. People come for miles to get water here. Wait till you try it."

Pegged to the side of the house was a fresh snake skin, a monster over ten feet long the husband had shot two days before. Dona Sebastiana brought out three glass jars, and a large tin can full of fat she'd rendered from the snake. She said it was the best remedy in the world for a great variety of ailments, including tuberculosis and "sore legs." Then she hurried in to make the coffee.

There were several small rooms in her house, and they were almost bare. There was no glass in the windows, and only the front room had a floor. It also had the *oratorio*, a yellowed print of Our Lady of Nazareth, with red paper roses in front of it, and that other light of the world, the sewing machine, a hand-run *Sin-ger*.

In the kitchen Dona Sebastiana was fanning hard, with a plaited palm leaf held in both hands, a charcoal fire in a clay trough. We admired a hanging lamp of tin, homemade, cleverly constructed to stay upright. It was the only thing to admire. "Oh," she said, "my girl friend left that to me when she died. We went to school together." There was almost nothing in her kitchen except a black pot or two. The only signs of food were some overripe cucumbers on the windowsill. How had she managed to be so fat? The upside-down *cafezinho* cups were modestly hidden under a fringed napkin, with a little boy pushing a wheelbarrow embroidered in red outline. Dona Sebastiana had no white sugar, and she apologized for the cake of brown she scraped for us herself. We drank it down, the hot, bad, sad coffee, and went out back to see her river.

It really was a beautiful river. It was four yards across, dark,

(p. 466)

clear, running rapidly, with white cascades and deep pools edged with backed-up foam, and its banks were a dream of the tropics. It splashed, it sang, it glittered over white pebbles. Little did it reck that it had almost reached the vast muddy bay, the mouth of the Amazon. It made up for a lot, and Dona Sebastiana was

proud of it. José Augusto and the little boys went wading. The thin dogs stood in the water, and gulped at it, then looked back at us over their shoulders from their river.

It was one o'clock by now and we were starving. The hotel had given us a lunch, a good-sized roast hen, fresh rolls, butter, oranges, a hunk of desirable white cheese. But no one would eat a bite. They *never* ate lunch - what an idea! I made a chicken sandwich and offered it to José Augusto. He looked shocked and frightened, and moved closer to his father's knee. Finally M. and I miserably gobbled up some lunch by ourselves. The *mechanista* soaked his feet, and rolled and smoked corn-husk cigarettes. Ruy let José Augusto accept one orange; Dona Sebastiana let her little boys accept two oranges. Then we shook hands all around, and back in our car we crawled away.

After a while, we got there. But first, from far off, we could see the pinnacled tops of two square towers, dazzling white against the dark rainclouds. The church looked like a sacred bull, a great white *zebu*. The road was level now, the landscape low and flat; we were near the coast. The church towers could be seen a long way off, rising very high above the tops of the tall green-black mango trees around them.

The *plaza* was dark red, laid out with cement benches and lampposts stuck with round globes, like artificial pearls. Smack in the middle was a blue-and-white bandstand. It was hideous, but because it was so small it didn't spoil the effect at all - rather as if these absurd offerings had been laid out on the ground in front of the great, indifferent, sacred white *zebu*. The dark green mango trees were dwarfed by the church. On either side the little old houses were tile-covered, with Gothic blue-and-white, or yellow-and-white, tile-covered *azulejos*.

Ruy watched us. But we liked the church very much and said so. He looked greatly relieved. The church danced in the light. I climbed on a stone wall, the remains of another aban-

(p. 467)

doned house, to get a photograph of the whole thing, if possible, but there was nothing high enough to take it all in. It started to rain. I got a picture, jumped down - a dozen people had gathered to watch me, all looking scandalized -tripped, and tore my petticoat, which fell down below my skirt. The rain poured.

The others were all inside the church. It was mostly blue and white-bare, cold, huge, echoing. Little children followed us and ran shouting up and down; Ruy's little boy joined in. We went out on the second-story galleries, beneath the row of huge whitewashed pillars. You could see a pattern of tile roofs and mango trees through the rain tapestry, red-brown, down to the river, where the masts of ships and boats showed. A battered blue truck ground along below, and the driver came in, too - another friend of Ruy's.

The sacristan, an old fisherman, appeared. There was little enough to be seen in the sacristy. He went to a cupboard, with the little children pressing close around

him and me, crying, "Show her Father! Show her Father!" and he handed me - a bone. A skull. The children reached up for it. He patted the skull and said yes, that was Father So-and-So, a saint if ever there was one, a really holy man. Never went anywhere, thought of nothing but prayer, meditated and prayed seven hours a day. I thought he was speaking of some forgotten saint of the seventeenth century who had never been properly recognized. No, Father had died two years before. I kept trying to hand the skull back. He was too busy telling me about the final illness, his *agonia*, his death. It was the most wonderful thing in Vigia. The sacristan put the skull back in the corner of the bare cupboard. It was so dark in the sacristy we could scarcely see.

We went out. Huge thunderclouds rolled back and forth, the river was higher, the tide had turned. All the lights went on in the forsaken *plaza*, although it was not dark. The pearly, silent, huge church of Vigia had made us all feel somehow guilty at abandoning it once again. The town's little white houses were turning mauve. In the high, high skies, shafts of long golden beams fell through the thunderclouds. Nature was providing all the baroque grandeur the place lacked. We started back to Belem, and it soon began to get really dark.

(p.468)

The car didn't stop all the way home, except once on purpose for gasoline. The trip seemed to take forever and we all fell silent. The little boy fell sound asleep. There wasn't even a light for miles, and never a car; we met two trucks and overtook two. Our eyes fastened on the slightest light or movement - an oil lamp, like an ancient Greek lamp, on a bicycle; a few people on foot carrying umbrellas.

Then lights. We were coming to Belem. Lights on the mud walls and their political posters and endless slogans, with all the N's and S's written backwards. Tall narrow doorways, the murky light of an oil lamp, warm, yellow and black. A man carrying a lantern - oh, he's leading a cow and a calf. Goats. Look out, a *zebu*! We almost hit him, a high bony gray wall across the road. He lowered his horns sharply and snorted softly.

Suddenly we are in Belem. Huge black mango trees. Cars bumping over the cobblestones, bumpety-bump. How very, very bright this dim city can look! We ache in the dark. The church at Vigia, huge, white, alone on our consciences, has become a ghost story.

The hotel at last. It is almost nine o'clock. We invite Ruy in for a drink, at least. He comes, but will take only another *cafezinho*. The dingy café looks brilliant. The young literary men are there, with their rolled umbrellas, moving hands and black neckties, their hair slicked back. They all greet Ruy. Half asleep, we swallow the coffee and, behind our backs, Ruy pays for it.

Viagem a Vigia¹⁴⁸

(p.135)

O poeta tímido, tão sujo, tão pobre, tão educado, insistiu em nos levar no carro dele. Um amigo iria junto como mecânico. O carro estava nas últimas; havia pifado duas vezes na véspera, rodando em Belém. Mas o que fazer? Eu não tinha como exibir meus dólares e alugar um carro melhor.

Ele chegou ao nosso hotel às nove (havia combinado às oito) com José Augusto, um de seus filhos, onze anos, claro, e também muito tímido. Ruy, o poeta, era moreno, calado, pesadão e mole, rosto lustroso salpicado de manchas pretas pequenas que pareciam chumbinho. Os outros filhos, quatro ou cinco ao todo, estavam em casa, com "febre". Estiveram doentes todo o tempo que passamos em Belém. José Augusto quase nunca falava, mas no decorrer daquele longo dia sua expressão foi gradualmente se tornando mais animada, mais infantil. No meio da tarde chegou a ficar irrequieto, animado; na volta, dormiu a viagem inteira nos braços do pai.

Ruy estava nervoso. Repetia de quando em quando que provavelmente não íamos gostar da famosa igreja de Vigia; era "barroca demais" para nós. Cada vez que ele dizia isso, nossa imaginação acrescentava mais um campanário e uma voluta um pouco mais ousada de pedra esculpida. Eu e M. afundávamos no banco de trás, tão baixo que tínhamos a sensação de que nossas nádegas roçavam de leve na pista. O mecânico, José Augusto e Ruy iam na frente. Passaram a maior parte do tempo de cabeça baixa, como

(p.136)

se estivessem rezando. Talvez rezassem para que o coração cansado do carro continuasse batendo só mais um pouco, até terminar aquela viagem.

Havíamos conhecido Ruy apenas dois dias antes. Naquela manhã, pedi a M. para me avisar quando chegasse o momento místico em que ela trocaria de marcha e, em vez de chamá-lo de "doutor Ruy", passaria a tratá-lo de "você". Esse uso do pronome de tratamento é sempre um problema delicado, e eu queria ver como M., que tem excelentes maneiras à moda brasileira, o resolveria. Como Ruy era poeta e portanto poderia ser considerado sensível, e como o achávamos muito simpático, eu imaginava que a coisa fosse acontecer logo.

Pouco depois de sair de Belém, atravessamos um pátio de manobras aparentemente abandonado, com alguns velhos vagões de carga vermelhos espalhados; era o final da linha. Passamos por baixo de um arco cheio de arabescos, enfeitado com uma faixa comprida e desbotada e bambus cortados, já secos e escurecidos. A faixa fora colocada para comemorar a inauguração da nova estrada Belém-Brasília. Poucos metros adiante, o asfalto terminava, de uma vez por todas. Porém a idéia de que agora havia uma estrada que levava à capital

¹⁴⁸ BISHOP, 1996, p. 135-144.

animava toda Belém de modo considerável. Até Ruy, um homem resignado, falava sobre o futuro com otimismo.

Vigia ficava a cerca de cem quilômetros. Tomamos uma outra estrada, mais estreita, à esquerda, que subia e descia, subia e descia, num relevo suave, atravessando mato rasteiro. Por causa das duas chuvas diárias (estávamos na estação das chuvas), havia pouca poeira. Lentamente, lentamente, subíamos e descíamos, sobre a pista de cascalho. O mecânico calado parecia uma mãe ensinando o carro a andar. Mas depois de algum tempo o carro parou.

O homem saltou e levantou o capô. M. falava alegremente sobre assuntos variados. Após cerca de quinze minutos, o carro pegou outra vez: subimos uma ladeira suave,

(p.137)

descemos mais depressa, subimos outra vez. O dia estava esquentando. O carro estava esquentando. Mas ainda tínhamos a impressão de estar nos arredores de Belém. Passamos por plantações de pimenta, grandes pilares folhudos. Os pés de pimenta se enroscam nesses pilares, como vagens; chama-se pimenta-do-reino porque outrora pertencia à Coroa. Dizem que toda a história de Portugal a partir do século XIV é a história da pimenta. Nos últimos anos vinha se tornando um produto agrícola importante no Norte. Ruy reclamou da pimenta, dizendo que já estavam plantando demais, como sempre acontece quando um produto começa a dar certo no Brasil, e o preço estava caindo. À esquerda, onde corria um riacho invisível, havia uma ou outra plantação de juta, de um verde vivo e tenro.

Mais pimenta. Casas esparsas de pau-a-pique. Um carro de boi: zebus mansos, lindos, com corcovas altas e longas orelhas pendentes, de um cinza azulado, uma bela junta de animais. Cavalos magros corriam para o mato ou permaneciam impassíveis quando os contornávamos. Uma igreja miserável de pau-a-pique, semipintada de azul vivo: IGREJA BATISTA. Então uma pequena ponte com metade das tábuas faltando. O mecânico saltou e ficou de cócoras, examinando-a, do outro lado, antes de a atravessarmos.

Fina, azulada, chegou a chuva matinal. O cascalho, mais escuro, espirrava dos dois lados do carro. Seguíamos devagar, como num sonho. Ruy discorria sobre T. S. Eliot. Lia um pouco de inglês, mas não falava uma palavra. Tentei contar uma história sobre Ezra Pound. Foi muito bem recebida, mas creio que não foi compreendida. Tentei contar mais algumas histórias sobre personalidades literárias. Sorrindo educadamente, Ruy esperava até que M. me ajudasse a formar as frases em português. Muitas vezes as histórias se revelavam se revelavam intraduzíveis. O carro parou.

Dessa vez o mecânico demorou muito mais. M. falava de modo ainda mais animado. De repente a chuva caiu

(p.138)

com força, em grandes cortinas brancas. Os arbustos se agachavam, o cascalho dançava. M. me cutucou, cochichou em meu ouvido: "Agora", e na frase seguinte que disse a Ruy usou um "você" bem audível; o momento místico havia passado. O mecânico entrou, as roupas escurecidas pela água, e disse que íamos parar na próxima cidadezinha para consertar o carro.

A chuva parou e o sol saiu. Certas variedades de folhas de plantas tropicais, vitrificadas de chuva, refletiam a luz como níquel, ou esmalte branco, mas à medida que o carro passava elas iam retomando seu tom habitual de verde acinzentado. Esse efeito confundia a vista, cansava-a. Palmeiras, mais pimenta e juta, mais arbustos. Aqui e ali uma árvore alta da selva havia sido deixada, as copas pululando de pontinhos pretos; cada árvore abrigava toda uma comunidade de pássaros. Uma castanheira-do-pará de pelo menos sessenta metros de altura estava em flor; o que denunciava esse fato era um cheiro de mil lilases no ar.

Três juntas de zebus carregados de juta. Um chuvisco leve, como um adendo ao temporal, em pleno sol. Estávamos seguindo para Nor-Nordeste, contornando a grande baía de Marajó, mas poderíamos perfeitamente estar no meio da África ou do Iucatã. (Na verdade, lembrava mesmo o Iucatã, um pouco.) Mais casebres miseráveis, com porcos, e crianças nuas luzidias de chuva. A "cidadezinha" era uma encruzilhada, com uma venda de bebidas e secos e molhados, um botequim, junto a um .flamboyant frondoso. Levamos um momento para perceber que o carro havia de fato parado; paramos de falar e saltamos:

A loja tinha sido saqueada, devastada. Mas não, era o estado normal dela. Era bem grande; as paredes não tinham cor, ou eram talvez cor de nuvem, com buracos no chão, nas paredes, no teto. Um barril de querosene cercado por uma mancha escura. Uma corda de algodão azul enrodilhada,

(p.139)

algumas cabeças de picareta e um maço de cabos amarelo-claros, recém-cortados, de ipê duro. Enfileiradas nas prateleiras, muitas, mas muitas garrafas de cachaça, todas iguais: Esperança, Esperança, Esperança. Havia um balcão. onde se podia beber. Um maço de pavios de lampião, vermelhos, dependurado ao lado de um cacho de frigideiras enferrujadas. Uma vitrine oferecia tofes escuros se desmiilingüindo através dos papeis, e uns pães doces muito, muito, muito velhos. Algumas formigas enormes estavam fazendo sua colheita ali, à luz do sol. Nossos olhos registraram os anúncios de Crush laranja e guaraná nas paredes cor de nuvem; e nada mais havia para ver.

O dono do botequim havia saído com o mecânico, de modo que Ruy nos serviu duas garrafas de Crush morno e, apesar de nossos protestos, pôs o dinheiro no balcão. "Não tem queijo?", perguntou ele, fuçando atrás do balcão, como se tivesse o hábito de comer montes de queijo com Crush laranja todas as manhãs. Perguntou se queríamos tofe, e insistiu para que tomássemos mais um Crush. Depois disse: "Vamos ver a fábrica de mandioca".

Ficava logo atrás do botequim. A fábrica era descoberta, apenas três telhados de sapé em torno de postes, um dos quais parecia um cogumelo redondo. Umas doze

mulheres e moças, sentadas no chão, arrancavam com faca a casca preta das raízes compridas. Éramos as coisas mais engraçadas que elas viam havia muitos anos. Tentavam não rir na nossa cara, mas era difícil. M. falou com elas, mas isso não aumentou seu autocontrole. Os zebus nos observavam, ruminando. Um motor, com correias de borracha protegidas pelo telhado de sapé, ia moendo a mandioca crua. O lugar cheirava a zebu, gasolina e gente. Todo mundo falava, mas havia penumbra e tranquilidade.

A grande atração era o chão de metal rotativo, um disco enorme, para secar a farinha. Era aquecido por baixo, onde havia um fogão de carvão, e a área era cercada por uma grade, como um pequeno rinque de patinação; a

(p.140)

gente podia se debruçar na grade e olhar. A farinha branca e grossa rodava lentamente, revolvida em ondas por dois homens com duas compridas enxadas de madeira. A farinha ficava cada vez mais branca, mas os homens cuidavam para que não escurecesse. No Norte, as pessoas gostam de farinha branca; no Sul, preferem-na um pouco tostada.

Quase esquecemos que estávamos a caminho de Vigia. Então o mecânico veio chamar-nos; entramos no carro, depois saímos de novo, entramos de novo, e por fim conseguimos partir. O motor agora parecia lânguido, meio adoecido, porém não se queixava, tal como o poeta.

Dez quilômetros adiante, paramos junto a uma casinha à esquerda da estrada, cercada de árvores frutíferas e bananeiras que brotavam direto da terra nua e varrida. Havia roupa estendida na cerca de arame farpado. Apareceram vários cachorros magros e uma moça muito gorda carregando um bebê, seguida de dois meninos pequenos. Todos nós trocamos apertos de mãos, até mesmo os meninos. O marido da moça, amigo de Ruy, não estava em casa, mas ela nos convidou a entrar - "para almoçar", disse a pobre mulher. Mais que depressa explicamos que havíamos trazido nosso almoço. Ruy fez as honras da casa. "Ah! A água daqui é uma delícia, não é, dona Sebastiana? É a melhor água, a única água, daqui até Vigia. Tem gente que anda quilômetros para pegar água aqui. Vocês têm que provar."

Havia uma pele de cobra pregada na parede da casa, um monstro de mais de três metros que o marido dela havia matado dois dias antes. Dona Sebastiana trouxe três potes de vidro e uma lata grande cheios de gordura que ela tirara da cobra. Disse que era o melhor remédio do mundo para uma série variada de doenças, inclusive tuberculose e "dor na perna". Então apressou-se para fazer o café.

A casa tinha vários cômodos pequenos, quase nus. Não havia vidro nas janelas, e só a sala da frente tinha assoalho.

(p.141)

Lá também ficava o oratório, uma gravura amarelada de Nossa Senhora de Nazaré, com rosas de papel vermelhas na frente, e aquela outra luz que ilumina o mundo, a máquina de costura, uma Singer manual.

Na cozinha, dona Sebastiana abanava vigorosamente, segurando com as duas mãos um abano de palha trançada, o carvão que ardia numa gamela de barro. Admiramos um lampião de folha-de-flandres, feito em casa, engenhosamente construído de tal modo que, pendurado na parede, ficasse em pé. Era a única coisa que havia para admirar. "Ah", explicou ela, "foi a minha amiga que deixou para mim quando morreu. Fomos colegas de escola." Não havia quase nada na cozinha, a não ser uma ou duas panelas enegrecidas. Os únicos sinais de comida eram alguns pepinos maduros demais no parapeito da janela. Como ela conseguira engordar tanto? As xicrinhas de café, de cabeça para baixo, estavam discretamente escondidas debaixo de um guardanapo com babados, com a silhueta vermelha de um menino empurrando um carro de mão bordada nele. Dona Sebastiana não tinha açúcar refinado, e pediu desculpas pela rapadura que ela própria raspou para nós. Bebemos o café quente, ruim e triste, e saímos pela porta dos fundos para ver o rio.

Era mesmo um lindo rio. Quatro metros de largura, escuro, límpido, veloz, cheio de cascatas brancas e poças fundas com espuma nas bordas; as margens eram um sonho tropical. O rio rugia, cantava, cintilava sobre os seixos brancos. Mal sabia ele que estava prestes a desaguar na ampla baía enlameada que era a foz do Amazonas. Aquele rio compensava muita coisa, e dona Sebastiana se orgulhava dele. José Augusto e os meninos entraram na água. Os cachorros magros, dentro do rio, bebiam goles d'água e depois olhavam para nós, com ar de proprietários.

Já era uma hora, e estávamos mortas de fome. O hotel nos fornecera um almoço - uma galinha assada grande, pães frescos, manteiga, laranjas, uma boa fatia de um queijo branco desejável. Mas ninguém quis aceitar nada.

(p.142)

Eles nunca almoçavam - que idéia! Fiz um sanduíche de galinha e ofereci-o a José Augusto. Ele ficou chocado, assustado, e chegou-se mais para perto do joelho do pai. Por fim M. e eu, constrangidíssimas, comemos um pouco. O mecânico molhou os pés, enrolou e fumou alguns cigarros de palha. Ruy deixou José Augusto aceitar uma laranja; dona Sebastiana deixou que seus filhos aceitassem duas laranjas. Então houve mais uma rodada de apertos de mãos e voltamos para nosso carro, que saiu rastejando.

Depois de algum tempo, chegamos. Mas antes, à distância, divisamos os pináculos de duas torres quadradas, de um branco deslumbrante contra um fundo de nuvens negras. A igreja parecia um touro sagrado, um grande zebu branco. Agora a estrada era plana; estávamos perto da costa. As torres da igreja eram visíveis de muito longe, muito mais altas que as copas das mangueiras verde-escuras que a cercavam.

A praça era vermelho-escura, com bancos de cimento e lampiões com globos redondos, como pérolas artificiais. Bem no meio havia um coreto azul e branco.

Tudo horrível, porém tão pequeno que não estragava o efeito em absoluto - como se aquelas ridículas oferendas tivessem sido colocadas à frente do grande zebu branco sagrado, indiferente. As mangueiras, de um verde escuro, eram humilhadas pela igreja. Ao lado dela havia casinhas recobertas de azulejos góticos, azuis e brancos, ou amarelos e brancos.

Ruy nos observava. Porém gostamos muito da igreja, e lhe dissemos isso. Ele pareceu muito aliviado. A igreja dançava na luz. Subi num muro de pedra, parte das ruínas de uma outra casa abandonada, para fotografar a igreja inteira, mas não havia nenhum ponto alto de onde eu pudesse pegar tudo. Começou a chover. Tirei uma foto, pulei do muro - umas dez pessoas haviam parado para olhar para mim, todas escandalizadas -, tropecei e rasguei

(p.143)

minha anágua, que caiu e ficou aparecendo abaixo da saia. Chovia torrencialmente.

Os outros estavam todos dentro da igreja. Era azul e branca - vazia, fria, imensa, cheia de ecos. Criancinhas nos seguiam correndo, aos gritos; o filho de Ruy juntou-se a elas. Subimos às galerias, logo abaixo da balaustrada de enormes pilares caiados. Através da tapeçaria da chuva, via-se um desenho de telhados e mangueiras, de um marrom avermelhado, até o rio, onde se destacavam os mastros dos barcos e navios. Um velho caminhão azul parou em frente à igreja e o motorista entrou também - mais um amigo de Ruy.

Apareceu o sacristão, um velho pescador. Pouco havia para ver na sacristia. Ele andou até um armário; uma multidão de crianças se apertava contra nós, exclamando: "Mostre a ela o padre! Mostre a ela o padre!". Então ele me entregou... um osso. Um crânio. As crianças estenderam os braços para tocá-lo. Ele acariciou o crânio, dizendo que era mesmo o padre Fulano de Tal, um santo de verdade. Nunca ia a lugar nenhum, só pensava em rezar, meditava e rezava sete horas por dia. Pensei que estivesse falando de algum santo esquecido do século XVII que nunca havia sido devidamente reconhecido. Não; o padre Fulano morrera dois anos antes. A toda hora eu tentava devolver-lhe o crânio. Mas ele estava entretido em me falar da doença final do padre, sua agonia, sua morte. Era a coisa mais maravilhosa que havia em Vigia. O sacristão recolocou o crânio no armário vazio. Dentro da sacristia era tão escuro que quase não víamos nada.

Sáímos. Grandes nuvens carregadas arrastavam-se de um lado para o outro; o rio havia subido, começara a maré-cheia. Todas as luzes estavam acesas na pracinha triste, embora não estivesse escuro. A igreja enorme, alva e silenciosa de Vigia fazia que nos sentíssemos vagamente culpadas por abandoná-la mais uma vez. As casinhas brancas da cidade estavam arroxendo. No céu, bem no alto do céu, longos raios de sol dourados atravessavam as nuvens. A natureza estava contribuindo com toda a grandeza barroca

(p.144)

que faltava ao lugar. Demos início à viagem de volta a Belém, e em pouco tempo começou a escurecer de verdade.

O carro não parou nem uma vez; ou melhor, só uma, para encher o tanque. Aquela viagem parecia que não ia acabar mais; todos nos calamos. O menino ferrou no sono. Não vimos luz alguma durante boa parte do tempo, e nenhum carro; vimos dois caminhões em sentido contrário e ultrapassamos outros dois. Nossos olhos fixavam-se na menor luz ou movimento – um lampião a óleo, como um lampião grego antigo, numa bicicleta; umas poucas pessoas a pé, de guarda-chuva.

Por fim, as luzes. Estávamos perto de Belém. Luzes nas paredes de pau-a-pique, com cartazes políticos e uma infinidade de slogans, todos os enes e esses ao contrário. Portas altas e estreitas, a luz franzina de um lampião de querosene, cálido, amarelo e negro. Um homem com uma lanterna (ah, ele está guiando uma vaca e seu bezerro). Cabras. Olhe, um zebu! Quase batemos nele, uma grande muralha cinzenta cheia de ossos atravessada na estrada. Ele baixou os chifres num movimento abrupto e rosnou baixinho.

De repente nos vimos na cidade. Mangueiras enormes e escuras. Carros sacolejando sobre os paralelepípedos. Como esta cidade escura parece iluminada, iluminadíssima! Na nossa escuridão, os olhos doem. A igreja de Vigia, imensa e branca, sozinha em nossas consciências, virou uma história de fantasmas.

Por fim, o hotel. São quase nove horas. Convidamos Ruy para beber alguma coisa, ao menos. Ele vem, mas só aceita mais um cafezinho. O bar vagabundo parece magnífico. Os jovens literatos estão todos lá, com seus guarda-chuvas dobrados, suas mãos agitadas, suas gravatas pretas, seus cabelos penteados para trás. Todos saúdam Ruy. Semi-adormecidas, engolimos o café, enquanto Ruy, às nossas costas, paga a conta.